

MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA

31 de dezembro de 2025

Ano Hidrológico 2025/2026

**Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos
Efeitos da Seca**

Índice

1. Nota Introdutória	7
2. Avaliação meteorológica	9
2.1. Temperatura.....	9
2.2. Precipitação.....	10
2.3. Situação de Seca Meteorológica	12
2.4. Evolução até ao final do mês	16
3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	18
3.1. Situação de Seca Hidrológica	21
3.2. Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades	24
4. Águas Subterrâneas	28
4.1. Comparação com o mês anterior.....	28
4.2. Análise dos níveis piezométricos.....	28
4.3. Massas de água em situação crítica	32
4.4. Massas de água em vigilância	33
4.5. Apreciação geral.....	33
5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola	35
5.1. Análise dos dados hidrométricos	37
5.2. Planeamento de contingência.....	37
6. Agricultura e Pecuária	41
6.1. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado	41
6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.....	41
6.3. Colheita das culturas arvenses de regadio, em particular o milho: como decorreu; sua produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade, condições de secagem e armazenamento.	42
6.4. Culturas arbóreas, nomeadamente pomares de citrinos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade	42
6.5. Abeberamento dos animais	44
7. Outras Informações	45

7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	45
7.2 Abastecimento público	47
7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão	58
8. Anexo I	63
9. Anexo II	68
10. Anexo III	69

Índice de Figuras

Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de dezembro (período 1941 – 2025) (Fonte: IPMA)	9
Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de dezembro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	9
Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de dezembro de 2025 em Portugal continental (Fonte: IPMA)	10
Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de dezembro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	11
Figura 5 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em dezembro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita), em relação á normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)	12
Figura 6 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 30 de novembro e a 31 de dezembro 2025. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA) .	13
Figura 7 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 30 de novembro e a 31 de dezembro 2025 (Fonte: IPMA)	14
Figura 8 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de dezembro 2025 (Fonte: IPMA)	16
Figura 9 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de janeiro de 2026 (Fonte: IPMA)	17
Figura 10 - Situação das albufeiras em novembro (esquerda) e em dezembro de 2025 (direita)	18
Figura 11 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de dezembro de 2024 e de 2025 (Fonte: APA)	19
Figura 12 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 31 de dezembro de 2025, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)	21
Figura 13 - Níveis de seca hidrológica no mês de novembro (esquerda) e em dezembro de 2025 (direita) (Fonte: APA)	22
Figura 14 - Nível de armazenamento em dezembro de 2025 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de dezembro (Fonte: APA)	23
Figura 15- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)	24

Figura 16 - Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2026 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA).....	25
Figura 17 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura	25
Figura 18- Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira da Bravura considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2026 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA).....	26
Figura 19 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/12/2025)	26
Figura 20 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de dezembro de 2025 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de dezembro de 2024 (Fonte: APA).....	27
Figura 21 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre novembro (esquerda) e dezembro de 2025 (direita) (Fonte: APA).....	28
Figura 22 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR)	35
Figura 23 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório.....	37
Figura 24 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório	38
Figura 25 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC).....	45
Figura 26 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/12 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2022 e 2025 (Fonte: AdP)	47
Figura 27 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/12/2025 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).	49
Figura 28- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/12/2025 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).	50
Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/12/2025 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP). .	51
Figura 30 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão .	61

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal	7
Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado em 2025 (Fonte: IPMA)	13
Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em dezembro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, http://sir.dgadr.gov.pt/reservas)	36
Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (13 de janeiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)	39
Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (02 de janeiro de 2026), de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)	40
Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/12/2025 (Fonte: AdP)	47
Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/12, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm ³ e %) (comparação entre 2022 e 2025) (Fonte: AdP)	48
Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/01/2026 (Fonte: EDIA)	58
Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)	58
Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)	60

1. Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada

quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades, nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 31 de dezembro de 2025, é o centésimo décimo produzido no contexto legislativo referido e o terceiro do ano hidrológico em curso (2025/2026).

2. Avaliação meteorológica

2.1. Temperatura

O mês de dezembro de 2025 em Portugal continental classificou-se como normal em relação à temperatura do ar e chuvoso em relação à precipitação, Figura 1.

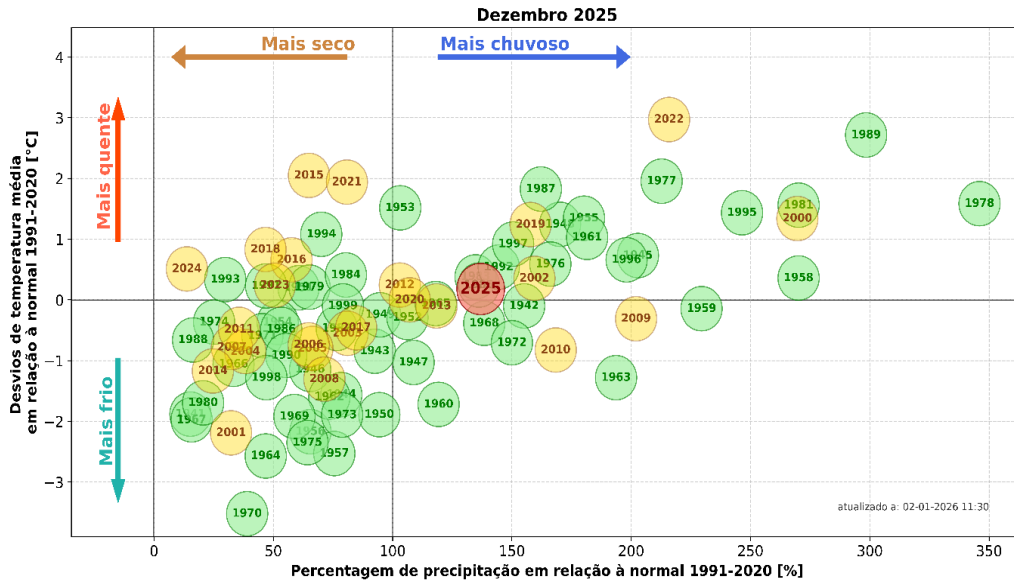


Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de dezembro (período 1941 – 2025) (Fonte: IPMA)

No mês de dezembro o valor médio da temperatura média do ar, 9.94°C, foi o 11º mais alto desde 2000, com uma anomalia +0.19°C em relação à normal 1991-2020 (mais alto em 2022, 12.72°C), Figura 2.

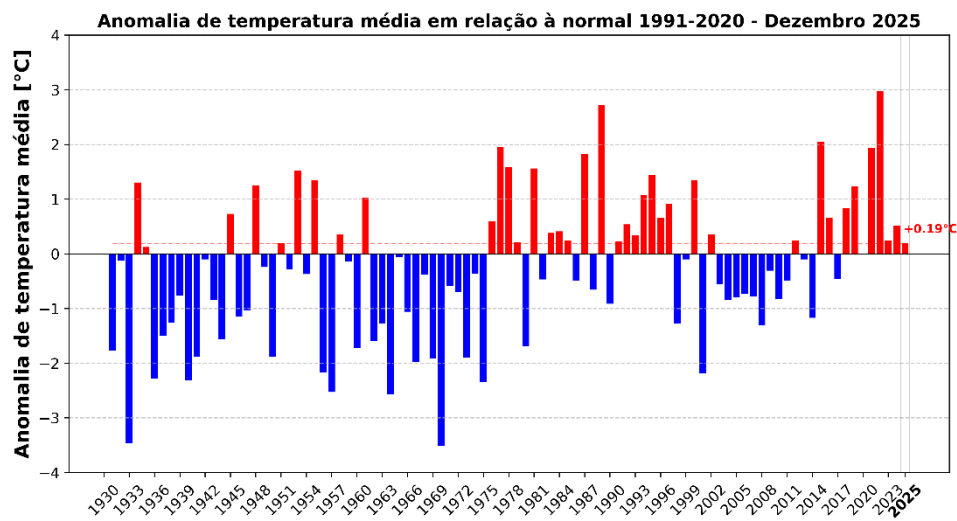


Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de dezembro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

O valor médio de temperatura máxima, 13.42 °C, 8.01 °C, foi -0.06 °C inferior ao valor normal; o valor médio de temperatura máxima, 6.04 °C, teve uma anomalia de 0.45 °C acima do valor médio.

Na Figura 3, apresenta-se a evolução diária da temperatura do ar (mínima, média e máxima) de 1 a 31 de dezembro de 2025 em Portugal continental.

Durante o mês destaque para os valores de temperatura do ar (máxima, média e mínima) acima do valor médio mensal no período de 04 a 14 dezembro e abaixo do valor médio nos dias 21, 22, 24 a 27; as anomalias mais significativas ocorreram nos valores da temperatura mínima. De realçar o dia 26 de dezembro com mais de 45% das estações meteorológicas do IPMA a registarem temperaturas mínimas negativas.

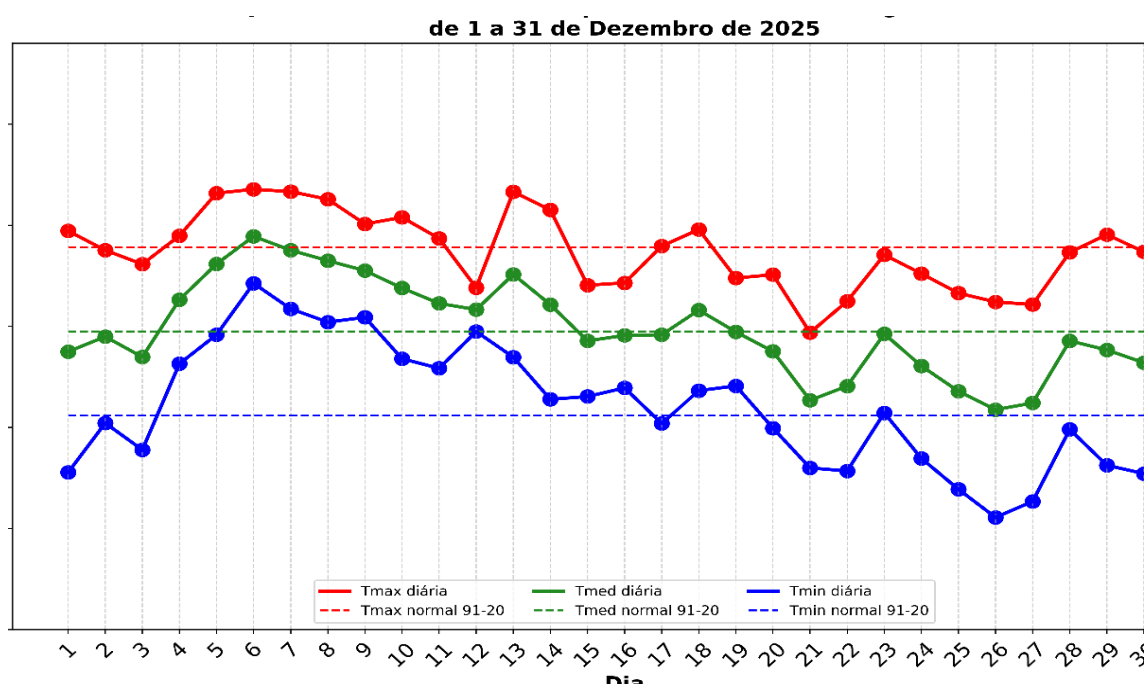


Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de dezembro de 2025 em Portugal continental (Fonte: IPMA)

2.2. Precipitação

Em relação à precipitação (Figura 4) o total de precipitação mensal, 157.8 mm (Figura 9), foi superior ao valor médio 1991-2020 (+42.3 mm), correspondendo a uma percentagem de 137% e sendo o 7º valor mais alto desde 2000.

Durante este mês, devido à passagem de ondulações frontais sobre Portugal continental, ocorreu precipitação em vários dias do mês, sendo de salientar, os dias 1 e 2, 5 e 6, 9 a 12, 15 e 16 e 18 a 23 em grande parte do território e dias 27 e 28 no Baixo Alentejo e Algarve. Nestes dias verificaram-se

vários episódios de precipitação intensa, por vezes sob forma de aguaceiros fortes e rajadas fortes de vento.

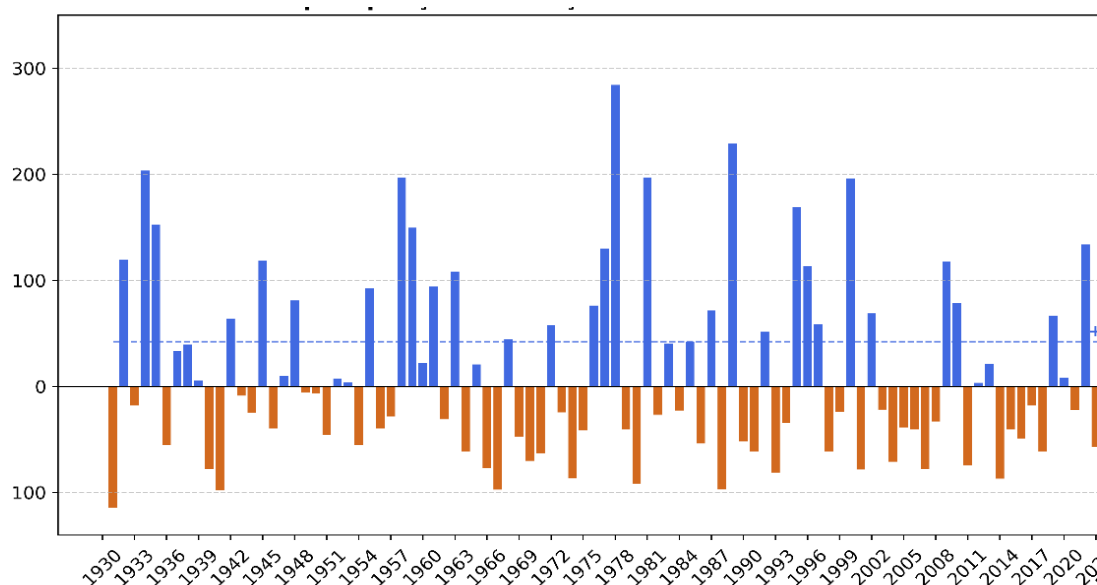


Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de dezembro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Em termos de distribuição espacial os valores de precipitação em dezembro foram superiores ao valor normal 1991-2020, na região litoral Centro, região de vale do Tejo e na região Sul. No interior Centro e nalguns concelhos da região Norte junto à fronteira foram inferiores ao valor normal, Figura 5 esquerda.

O maior valor mensal da quantidade de precipitação em dezembro (valor médio concelho) foi registado no concelho de V. Nova de Cerveira, 340.2 mm e o menor valor no concelho de Bragança, 96.0 mm.

O valor mais elevado de percentagem de precipitação em dezembro, em relação ao valor médio, 261%, verificou-se no concelho de Peniche e o valor mais baixo, 66%, no concelho de Belmonte.

Em relação ao ano hidrológico 2025/2026¹ o valor da quantidade de precipitação acumulada, 447.1 mm, corresponde a 132% do valor normal 1991-2020.

Em termos espaciais, os valores da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026 são superiores ao normal em quase todos os concelhos do território. Apenas nos concelhos de Belmonte, Idanha-a-Nova, Borba, Estremoz e Sousel se verificam valores inferiores ao valor normal (Figura 5, direita).

¹Ano hidrológico: 1 de outubro de 2025 a 30 setembro de 2026.

O valor mais elevado de percentagem de precipitação no ano hidrológico, em relação ao valor médio, 198%, verificou-se no concelho de Valença do Minho e o valor mais baixo, 87%, no concelho de Idanha-a-Nova.

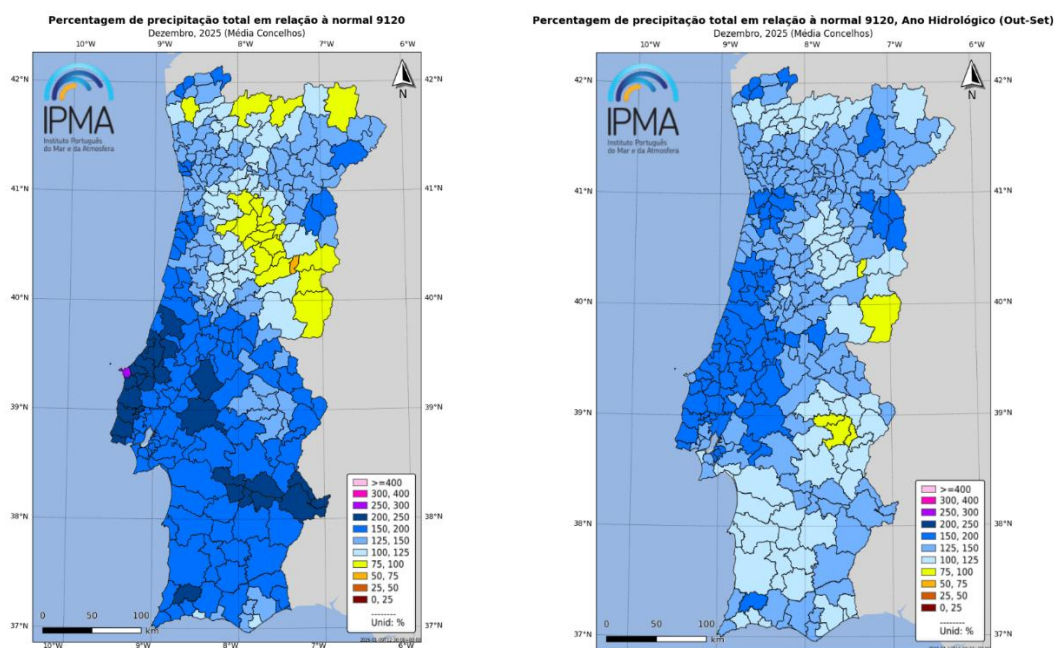


Figura 5 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em dezembro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita), em relação á normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)

2.3. Situação de Seca Meteorológica

Índice de Água no Solo (SMI)

Na Figura 7, apresenta-se o índice de água no solo (AS)² a 30 de novembro e a 31 de dezembro de 2025.

No final de dezembro, verificou-se uma recuperação significativa dos valores de água no solo em todo o território e, em especial, na região Sul. Vários concelhos do litoral sul já superam o nível da capacidade de campo e no interior do Alentejo e no Algarve verificam-se valores de água no solo superiores a 60%, sendo mesmo superior a 80% em muitos concelhos do alto Alentejo e na zona de Faro.

Na região Norte e Centro os valores de água no solo continuam acima do nível de capacidade de campo em grande parte dos concelhos.

² O Produto Água no Solo (AS) do ECMWF, utilizado pelo IPMA desde 2017 (anteriormente designado por SMI ou Índice de Água no Solo), foi em novembro de 2025, reajustado pelo IPMA com uma nova forma de apresentação deste índice. Mais informação em <https://agroclima.ipma.pt/pt/o-projeto/sobre-indicadores/>

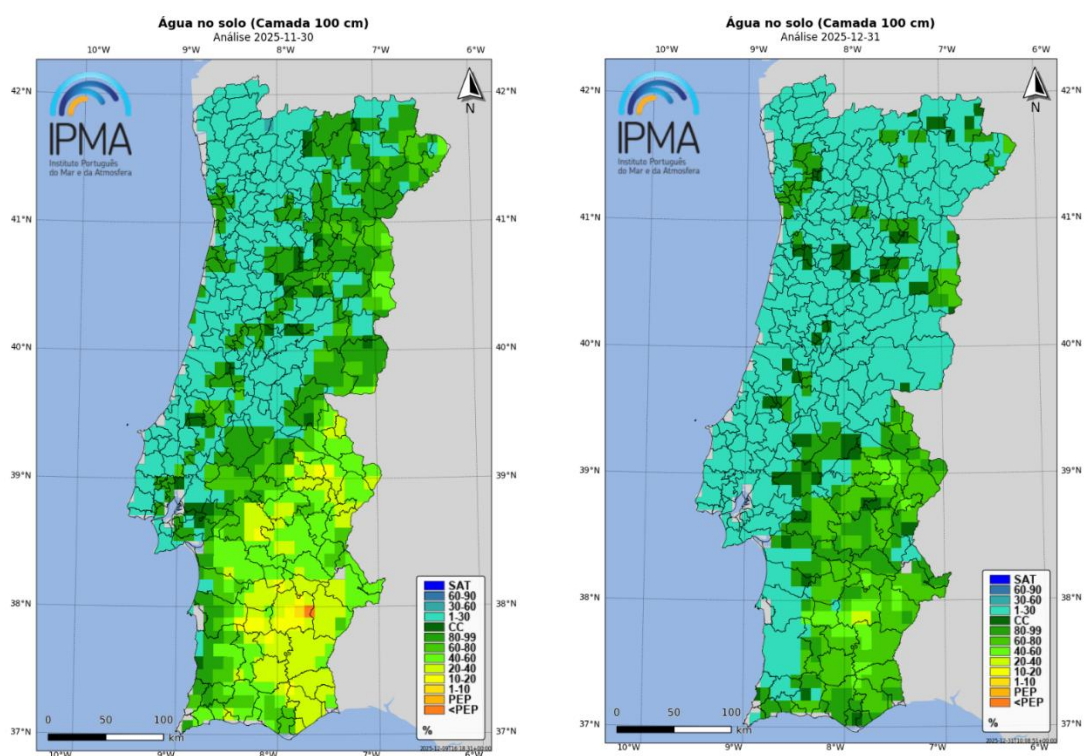


Figura 6 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 30 de novembro e a 31 de dezembro 2025. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA)

Índice de Seca - PDSI

De acordo com o índice PDSI³, no final de dezembro terminou a seca fraca que ainda existia no final de novembro nos distritos de Évora, Beja e Faro. Verificou-se um aumento da área nas classes de chuva sendo de salientar o litoral Norte e Centro nas classes de chuva moderada a severa.

A distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de novembro é a seguinte: 2.0% na classe chuva moderada, 37.7% na classe de chuva fraca, 29.7% na classe normal e 20.6% na classe de seca fraca.

Na Tabela 2 apresenta-se a percentagem, mensal, do território Continental nas várias classes do índice PDSI, entre janeiro e dezembro 2025.

Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado em 2025 (Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Jan 2025	28 Feb 2025	31 Mar 2025	30 Abr 2025	31 Mai 2025	30 Jun 2025	31 Jul 2025	31 Ago 2025	30 Set 2025	31 Out 2025	30 Nov 2025	31 Dez 2025

³ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	1.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	23.1	56.3	2.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.4
Chuva moderada	0.0	0.6	60.6	34.6	64.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	12.0	23.5
Chuva fraca	53.4	33.3	16.3	7.9	25.9	14.8	0.0	0.0	0.0	1.2	37.7	45.7
Normal	40.3	65.5	0.0	0.0	6.8	76.4	33.3	0.6	5.5	32.4	29.7	26.4
Seca Fraca	6.2	0.6	0.0	0.0	0.0	8.8	62.1	78.5	67.8	31.8	20.6	0.0
Seca Moderada	0.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.6	20.9	26.7	27.9	0.0	0.0
Seca Severa	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	6.7	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 7 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 30 de novembro e a 31 de dezembro de 2025.

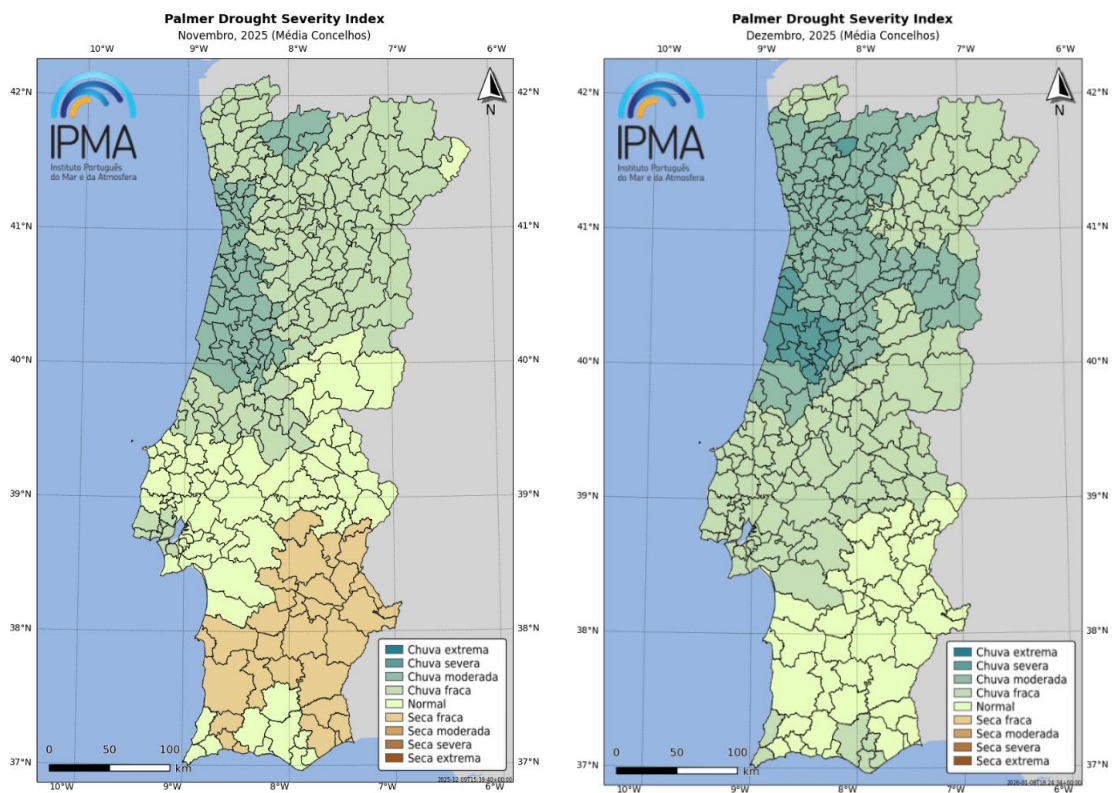
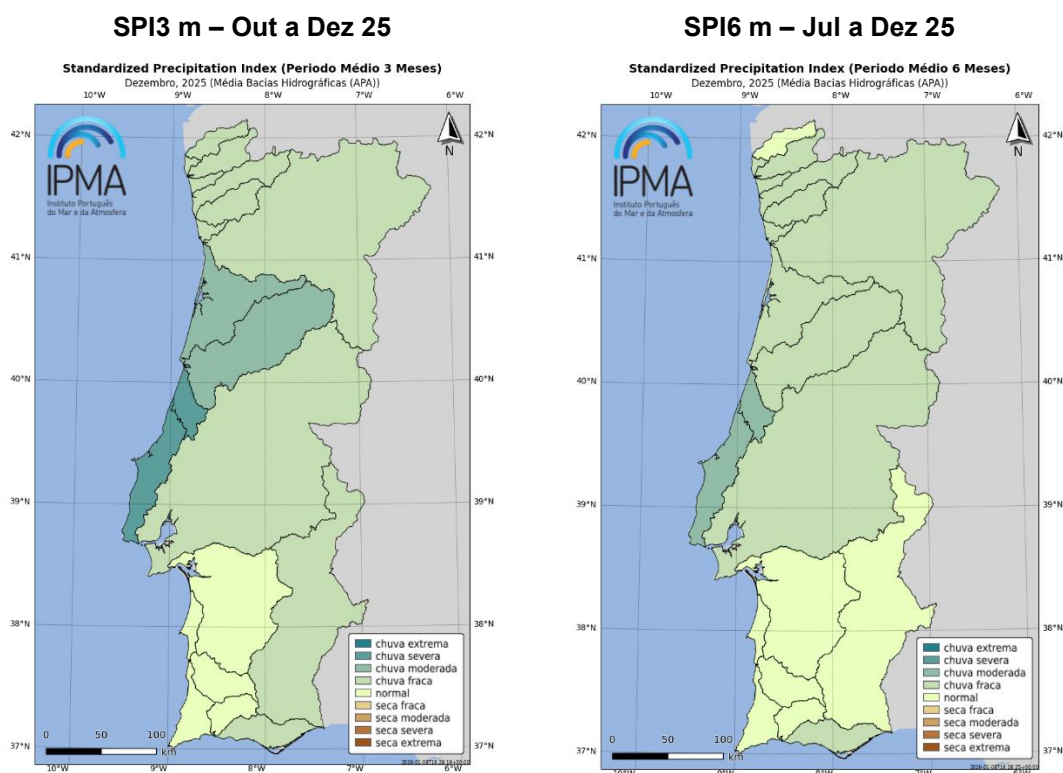


Figura 7 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 30 de novembro e a 31 de dezembro 2025 (Fonte: IPMA)

Índice de seca SPI

O índice SPI (Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais⁴, que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água. Na Figura 8 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de dezembro para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos últimos meses, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de dezembro, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas.



SPI9 m – Abr a Dez 25

SPI12 m – Jan a Dez 25

⁴ As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

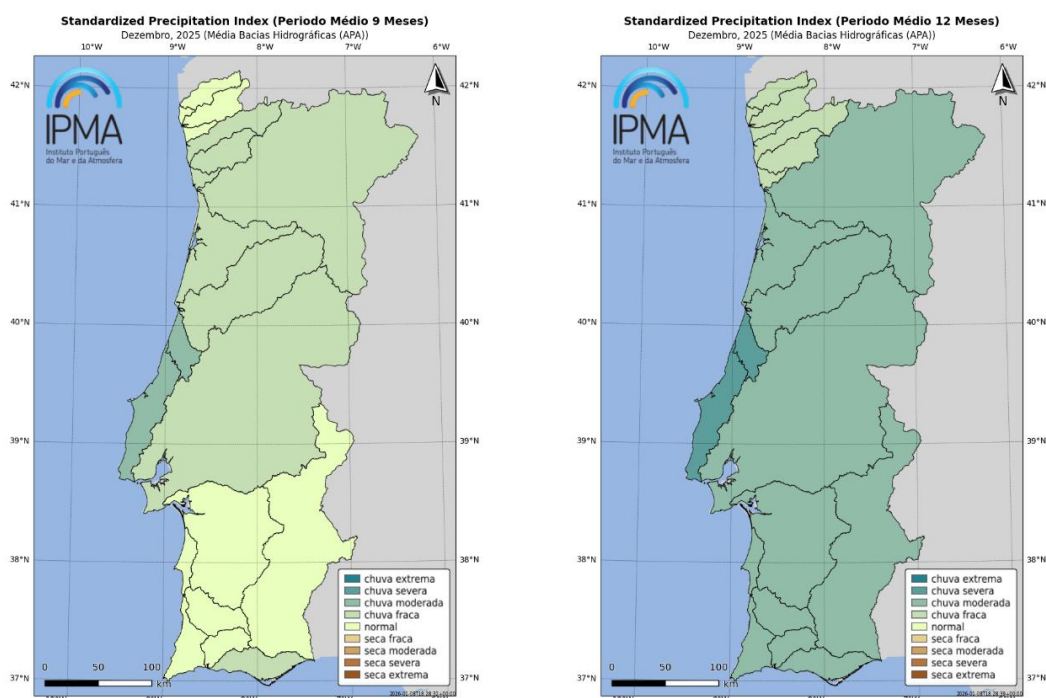


Figura 8 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de dezembro 2025
(Fonte: IPMA)

2.4. Evolução até ao final do mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de dezembro 2025, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em janeiro 2026, Figura 10:

Cenário 1 (2º decil – D2) - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20% dos anos): surgimento da seca meteorológica fraca nos concelhos da região Sul.

Cenário 2 (5º decil – D5) – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 31 de dezembro.

Cenário 3 (8º decil – D8) – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20% dos anos): sem seca meteorológica em todo o território e agravamento das classes de chuva.

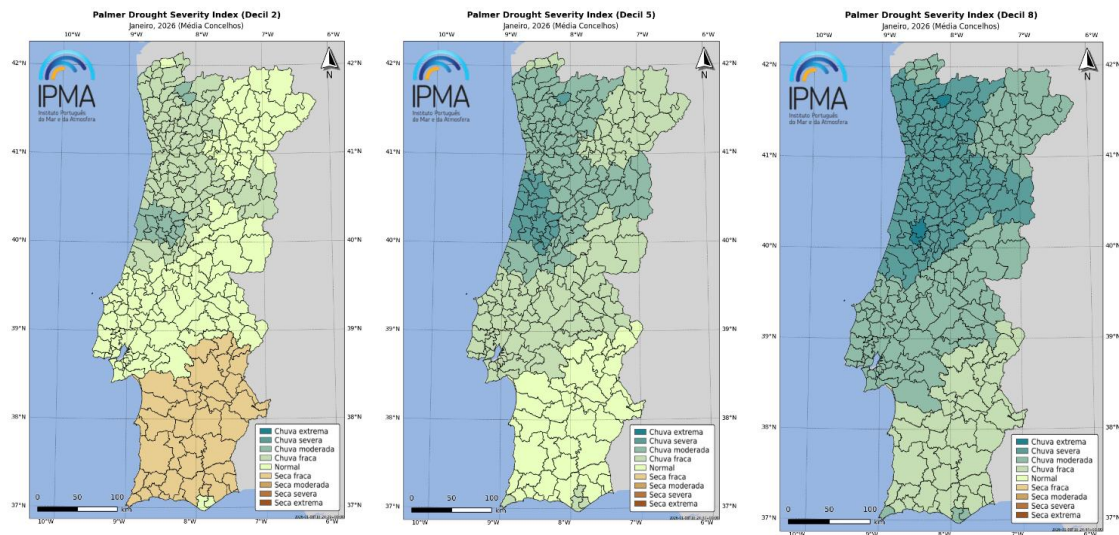


Figura 9 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de janeiro de 2026 (Fonte: IPMA)

Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)⁵:

Segundo a previsão a médio e longo prazo, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 19/01 a 25/01** – Anomalia positiva: valores acima do normal para todo o território (1 a 10 mm).
- **Semana 26/01 a 01/02** – Anomalia positiva: valores acima do normal para todo o território (1 a 30 mm).

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, com valores de precipitação superiores ao normal, é expectável que continue a não existir seca meteorológica em Portugal continental.

⁵ <http://www.ipma.pt//pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 31 de dezembro de 2025, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em duas bacias hidrográficas e uma subida em quinze bacias analisadas, Figura 10.

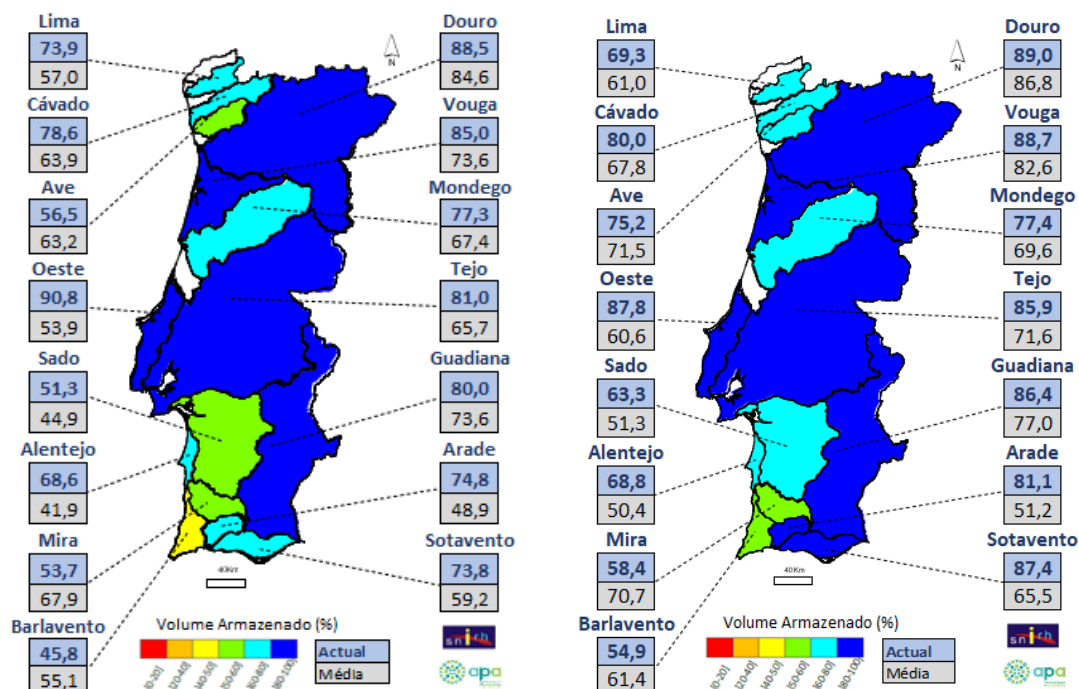


Figura 10 - Situação das albufeiras em novembro (esquerda) e em dezembro de 2025 (direita)
(Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de dezembro de 2025 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de dezembro (1990/91 a 2023/24), **com exceção** das bacias hidrográficas do Mira e das Ribeiras do Algarve (Barlavento). Na Figura 11 é possível observar que as bacias hidrográficas estão acima dos valores observados em dezembro de 2024.

No entanto, continuam-se a destacar as situações onde esse afastamento é mais significativo:

- **Mira** - Armazenamento é inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024;
- **Barlavento** - Armazenamento é inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024.

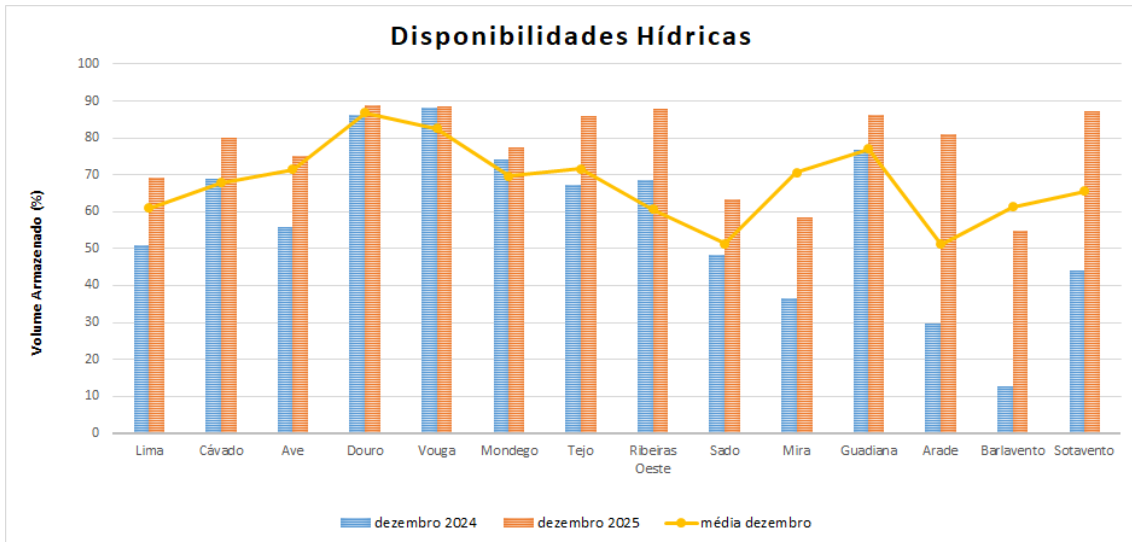


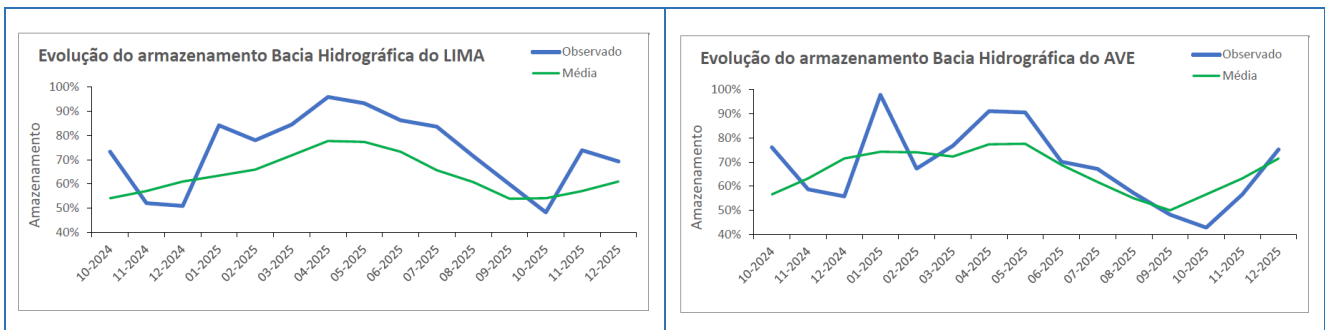
Figura 11 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de dezembro de 2024 e de 2025 (Fonte: APA)

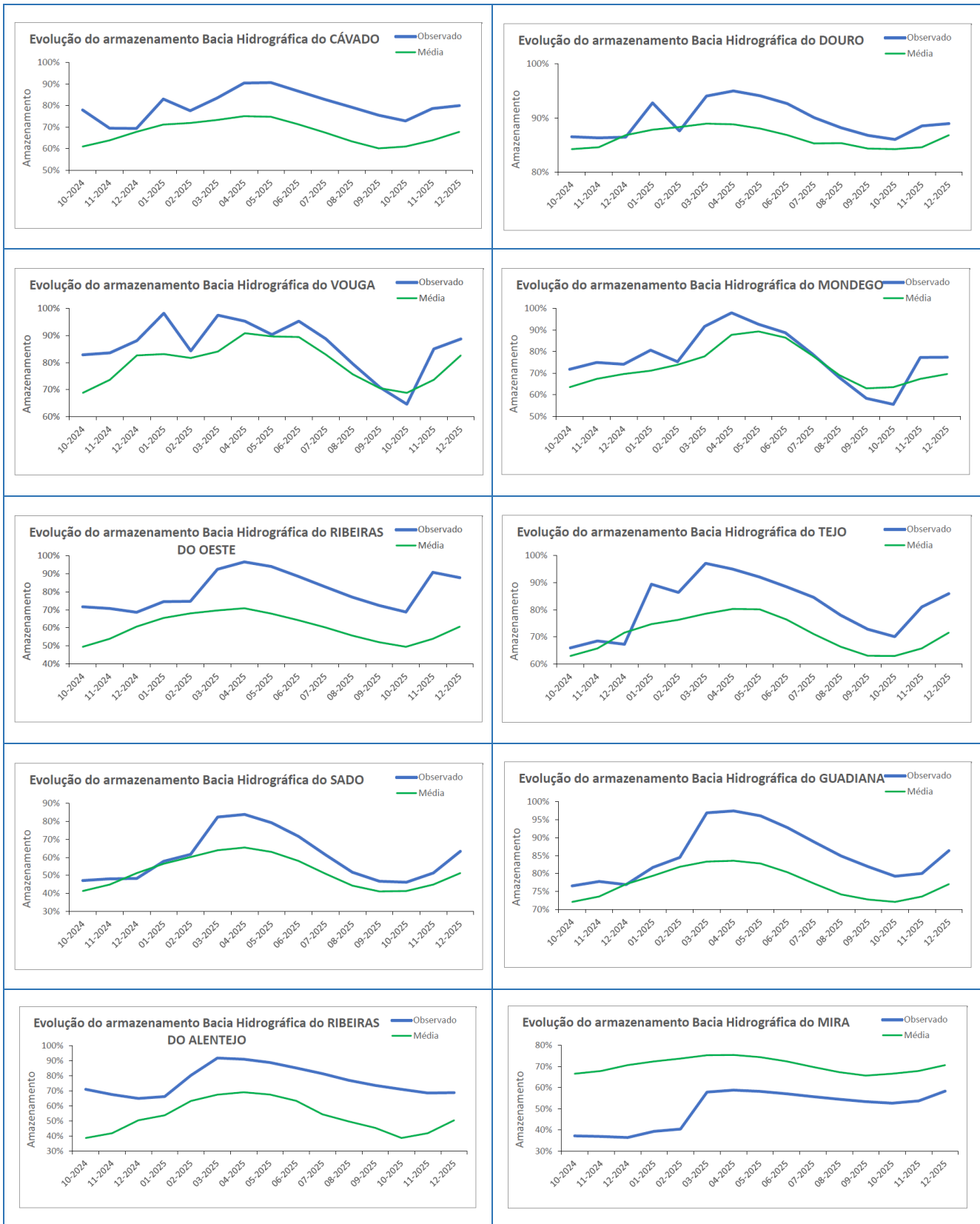
Das 76 albufeiras monitorizadas em 31 de dezembro de 2025, 46 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e, três tem disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

As albufeiras que apresentam volumes totais inferiores a 40% localizam-se:

- Bacia do Sado – Monte da Rocha (29,3%), Campilhas (37,0%) e Roxo (38,7%).

Na Figura 12 é possível observar a evolução do volume armazenado por bacia hidrográfica desde outubro de 2024 até dia 31 do mês de dezembro de 2025. Na bacia do **Mira** os volumes armazenados mantêm-se abaixo da média histórica; nas **Ribeiras do Algarve (Barlavento)** as reservas hídricas subiram significativamente quando comparadas com os anos anteriores, mas ainda abaixo dos valores médios históricos.





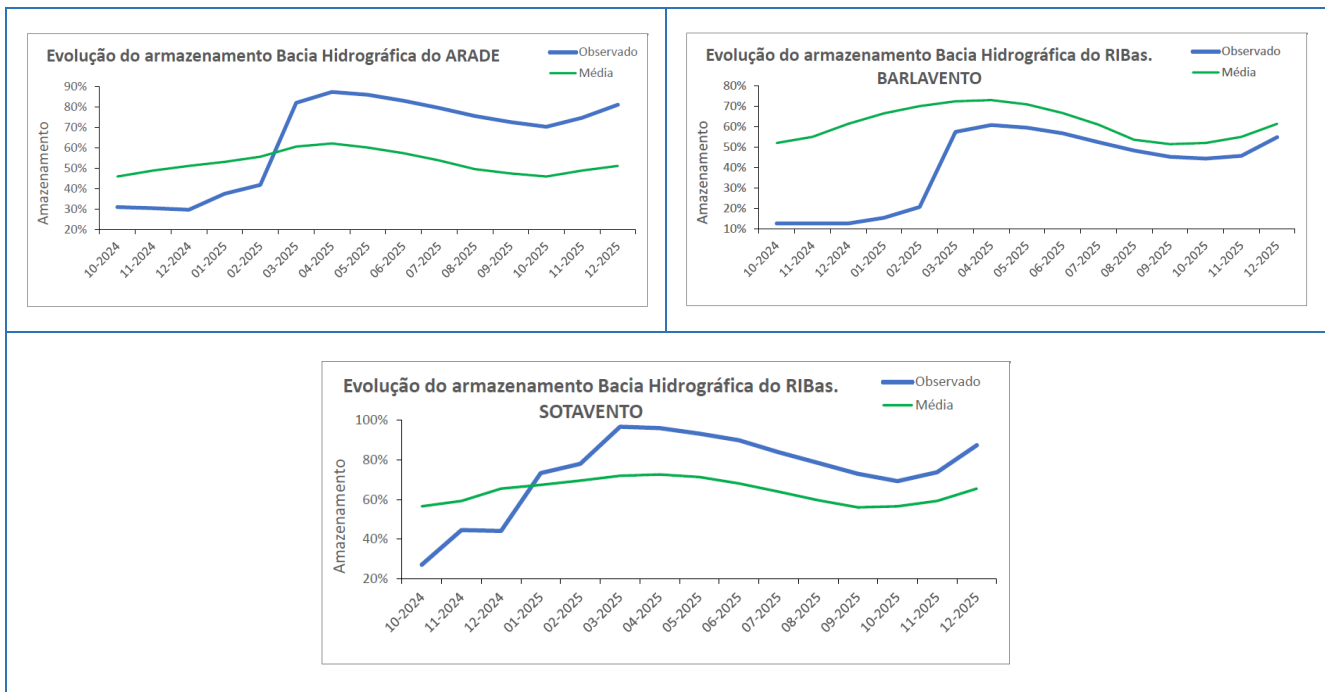


Figura 12 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 31 de dezembro de 2025, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 31 de dezembro de 2025 armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do **Minho e Lima Espanha** – 61,6% (em novembro era de 58,0%);
- Bacia hidrográfica do **Douro Espanha** – 55,4% (em novembro era de 56,4%);
- Bacia hidrográfica do **Tejo Espanha** – 62,1% (em novembro era de 58,6%);
- Bacia hidrográfica do **Guadiana Espanha** – 61,0% (em novembro era de 58,1).

Os volumes totais armazenados nas bacias hidrográficas espanholas aumentaram ligeiramente, com exceção da bacia do Douro.

3.1. Situação de Seca Hidrológica

De acordo com o índice de seca hidrológica referente a 31 de dezembro de 2025, observa-se que a maioria das bacias hidrográficas do território continental apresentam condições normais a húmidas, com exceção de algumas regiões do sul do país, onde se registam situações de seca moderada, Figura 13.

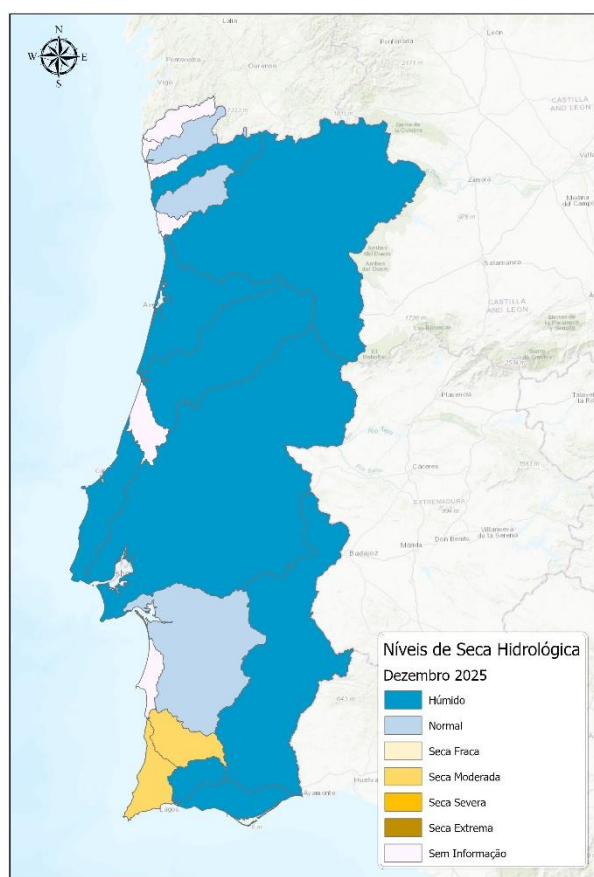
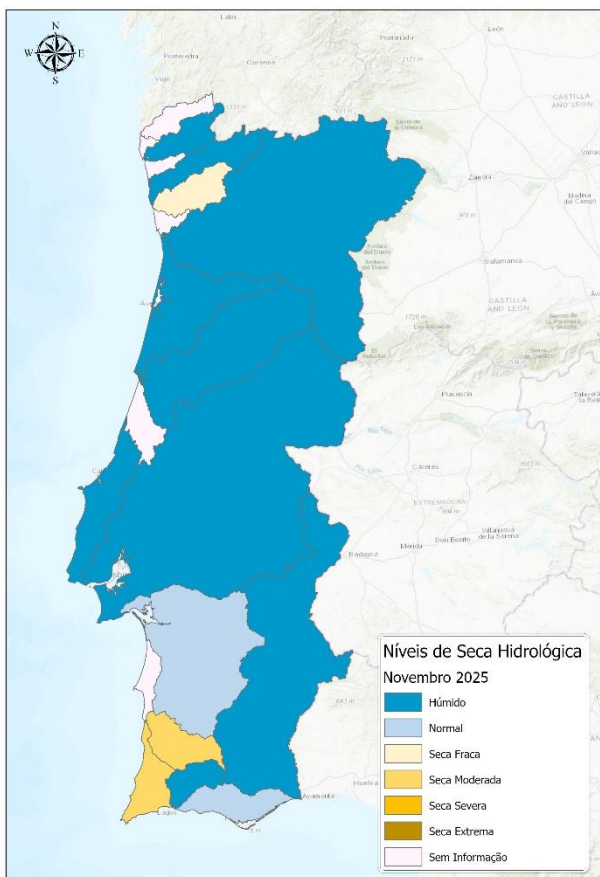
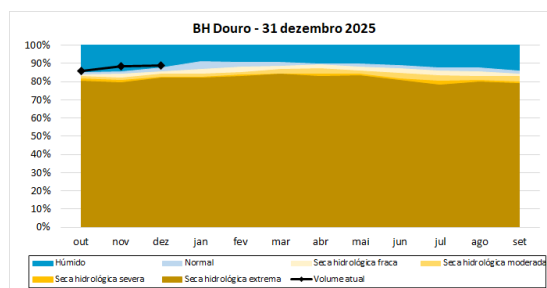
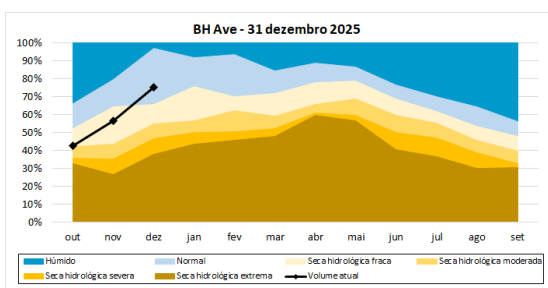
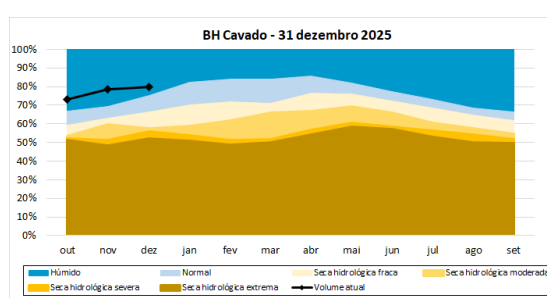
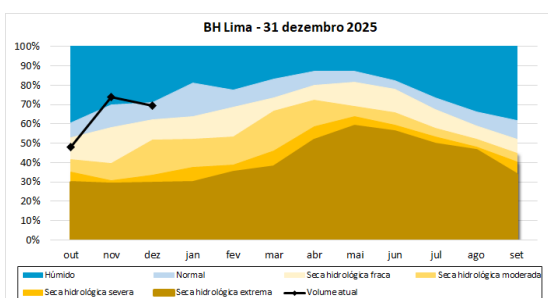


Figura 13 - Níveis de seca hidrológica no mês de novembro (esquerda) e em dezembro de 2025 (direita)
(Fonte: APA)

Na avaliação da evolução do nível de seca hidrológica no início do ano hidrológico de 2025/26 pode observar-se que os volumes armazenados se mantiveram, Figura 14.



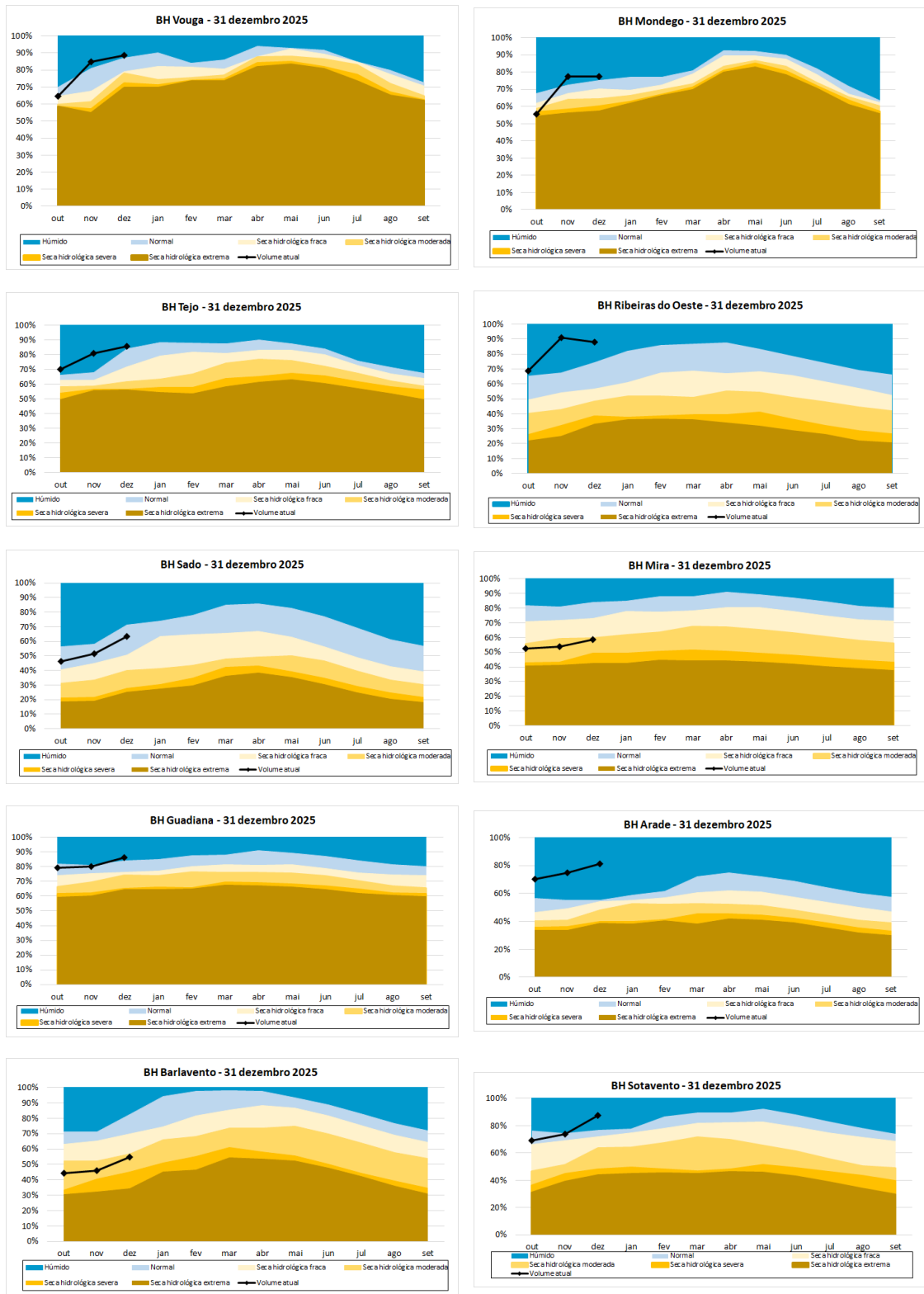


Figura 14 - Nível de armazenamento em dezembro de 2025 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de dezembro (Fonte: APA)

3.2. Disponibilidades hídricas versus necessidades

Na albufeira do **Monte da Rocha**, na bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados estão baixos, mas permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois anos, no total de 3 000 dam³. Na Figura 15 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1990/91 a 2023/24, que ilustra bem a situação crítica referida. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 30 600 dam³. Considerando que o volume morto é de 5 000 dam³ o volume útil disponível a 31 de dezembro é de 25 600 dam³.

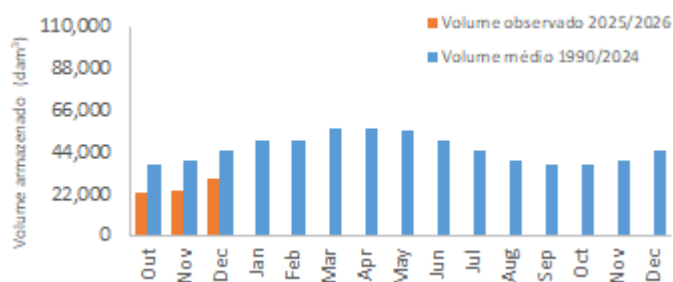


Figura 15- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha
(Fonte: APA)

Atendendo aos volumes armazenados até esta altura na albufeira do Monte da Rocha e com a obrigação de garantir o armazenamento do volume necessário para dois anos de abastecimento (cerca de 3 hm³), na área abastecida por esta albufeira no aproveitamento hidroagrícola do Alto Sado, considerou-se o cenário com um consumo de cerca de 60% dos valores médios captados entre 2012-2017 (cerca 10 hm³). Para este cenário a evolução dos níveis da albufeira são os representados na Figura 16, que ilustra a estimativa de variação dos volumes observados atendendo aos consumos simulados e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

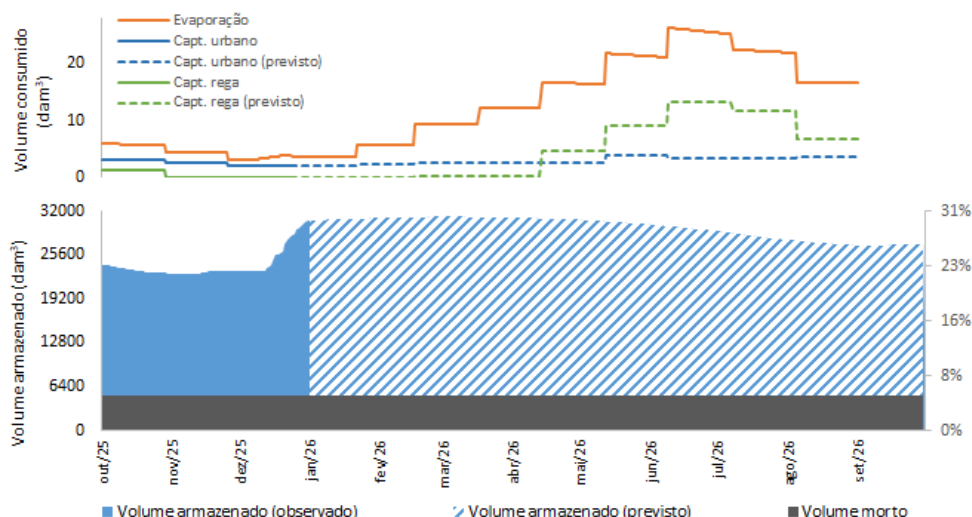


Figura 16 - Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2026 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA)

A albufeira da **Bravura** na bacia das Ribeiras do Algarve (Barlavento) face às intensas precipitações observadas recuperou significativamente, observando-se na Figura 17 o volume armazenado ligeiramente superior à média, calculada para o período 1959/2024. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 19 185 dam³, considerando que o volume morto é de 2 500 dam³, o volume útil disponível a 31 de dezembro é de 16 685 dam³.

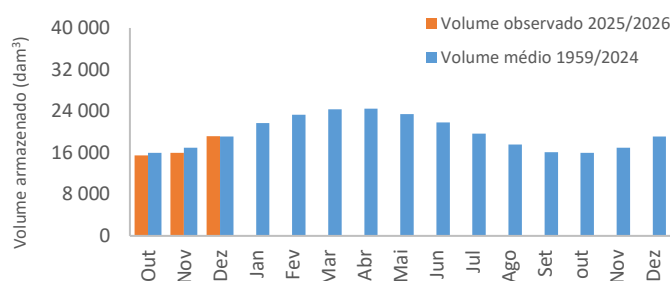


Figura 17 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura (Fonte: APA).

Na Figura 18 ilustra-se a estimativa de variação dos volumes observados considerando valores de consumos semelhantes a 2019 e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

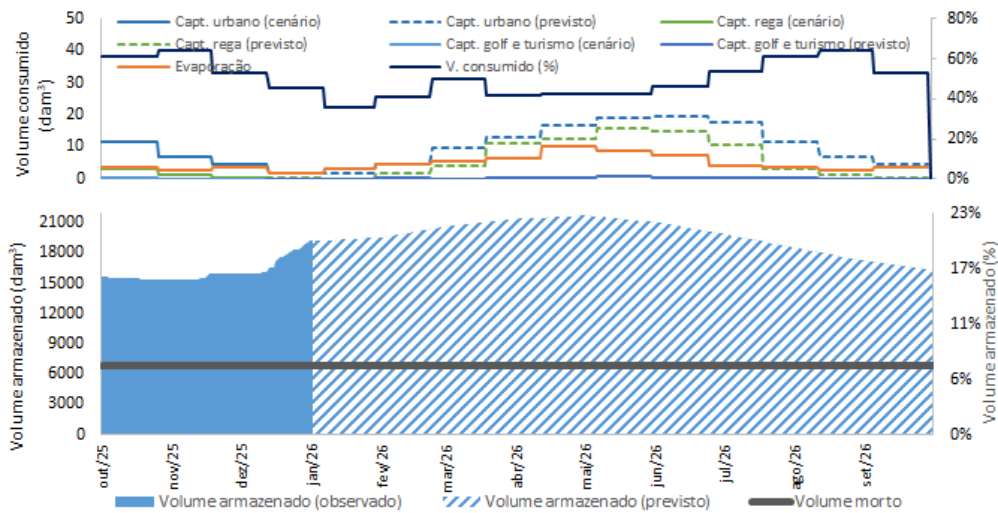


Figura 18- Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira da Bravura considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2026 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA)

Desde março de 2025, a albufeira de Santa Clara, localizada na bacia do Mira, apresenta volumes superiores ao Nível Mínimo de Exploração (NME), após ter utilizado, desde 2019, o volume armazenado abaixo desse nível. Em 2023 foram atingidos os níveis mais baixos de armazenamento total. O Acordo da Água assinado em março de 2023, entre a APA, DGADR, Águas Públicas do Alentejo, Associação Beneficiários do Mira e Câmara Municipal de Odemira, refere a necessidade de estabelecer compromissos dos principais utilizadores visando uma gestão sustentável da água no aproveitamento hidráulico, muito concretamente que, no prazo de cinco anos, seja possível recuperar um modelo de gestão sustentável à cota 116 m. Foi ainda acordado que até à cota 104 m a exploração seria feita para fins múltiplos e a partir desta cota e até à cota 102 m esse volume ficaria reservado para o abastecimento público. A cota da albufeira no final de dezembro estava nos 117,68 m, Figura 19.

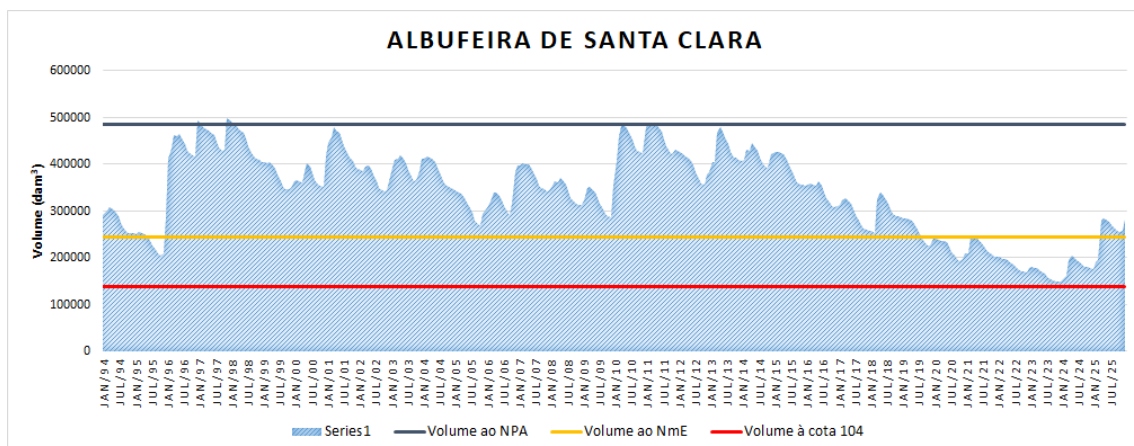


Figura 19 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/12/2025) (Fonte: APA)

Foram ainda definidas medidas para promover a eficiência da água no setor urbano em baixa (redução de 50% das perdas) e no setor agrícola (redução de 30% de perdas), bem como desenvolver o projeto que permita implementação de um novo sistema de captação na albufeira de Santa Clara, adução e tratamento de água para consumo humano dedicado, em substituição do atual com origem nos canais de rega.

Na região do Algarve os níveis de armazenamento nas seis albufeiras, com maior capacidade de regularização, recuperaram significativamente, Figura 20. A situação nesta região encontra-se próxima da normalidade para mês de dezembro, face à intensa precipitação observada. Observou-se recuperação significativa do volume armazenado nas albufeiras. Mantém-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica atendendo à fraca recuperação dos aquíferos.

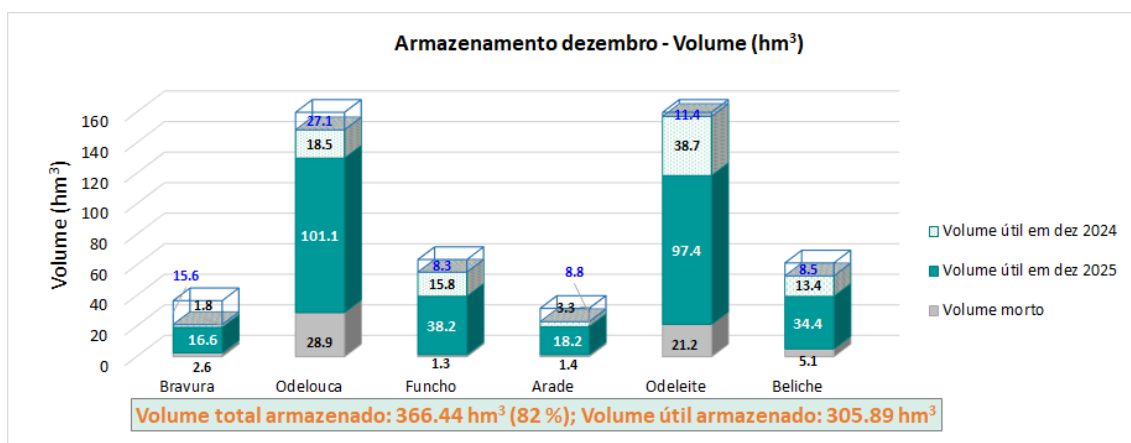


Figura 20 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de dezembro de 2025 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de dezembro de 2024 (Fonte: APA)

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água, diminuindo drasticamente a captação de água natural e recorrer a origens alternativas, já que o seu custo será inferior aos custos associados de não haver água.

4. Águas Subterrâneas

4.1. Comparação com o mês anterior

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de novembro e dezembro do ano hidrológico 2025-2026, Figura 21.

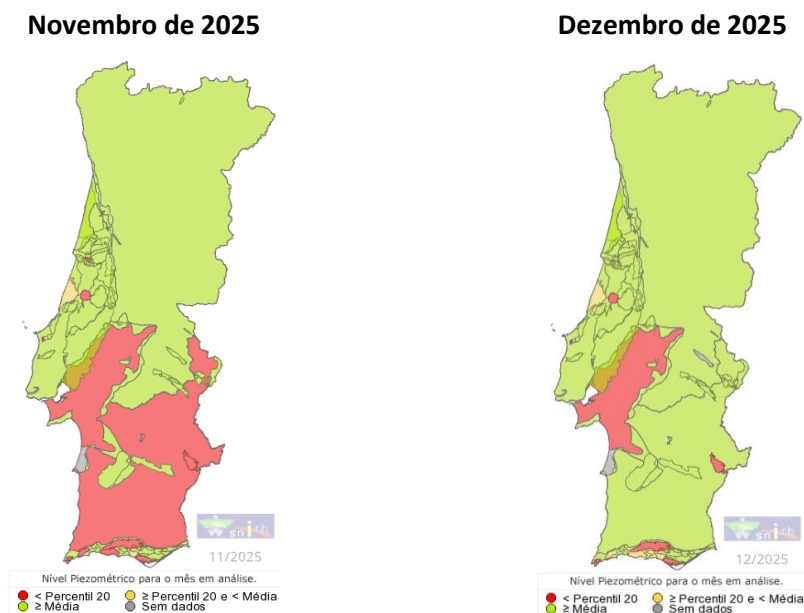


Figura 21 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre novembro (esquerda) e dezembro de 2025 (direita) (Fonte: APA).

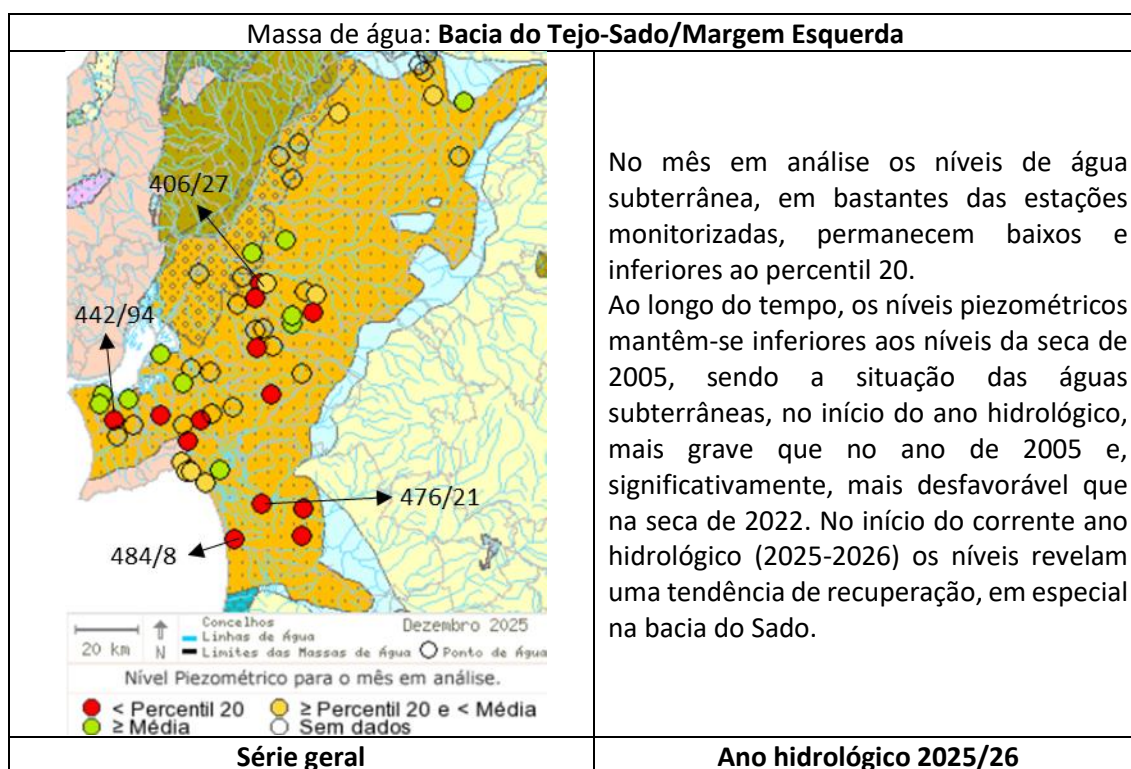
Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a maior alteração se registou no Maciço Antigo Indiferenciado do Sul, onde os níveis se situam iguais ou acima da média, e na Orla Meridional a situação também melhorou, para algumas massas de água, onde o nível de água subiu de inferior ao percentil 20 para o intervalo que se situa entre a média e o percentil 20. No resto do país a situação mantém-se, praticamente, inalterada. Continuam a observar-se situações preocupantes, em que os níveis permanecem, significativamente, inferiores à média. Encontram-se nesta situação as massas de água: Moura-Ficalho; Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda e algumas das que se situam na Orla Meridional.

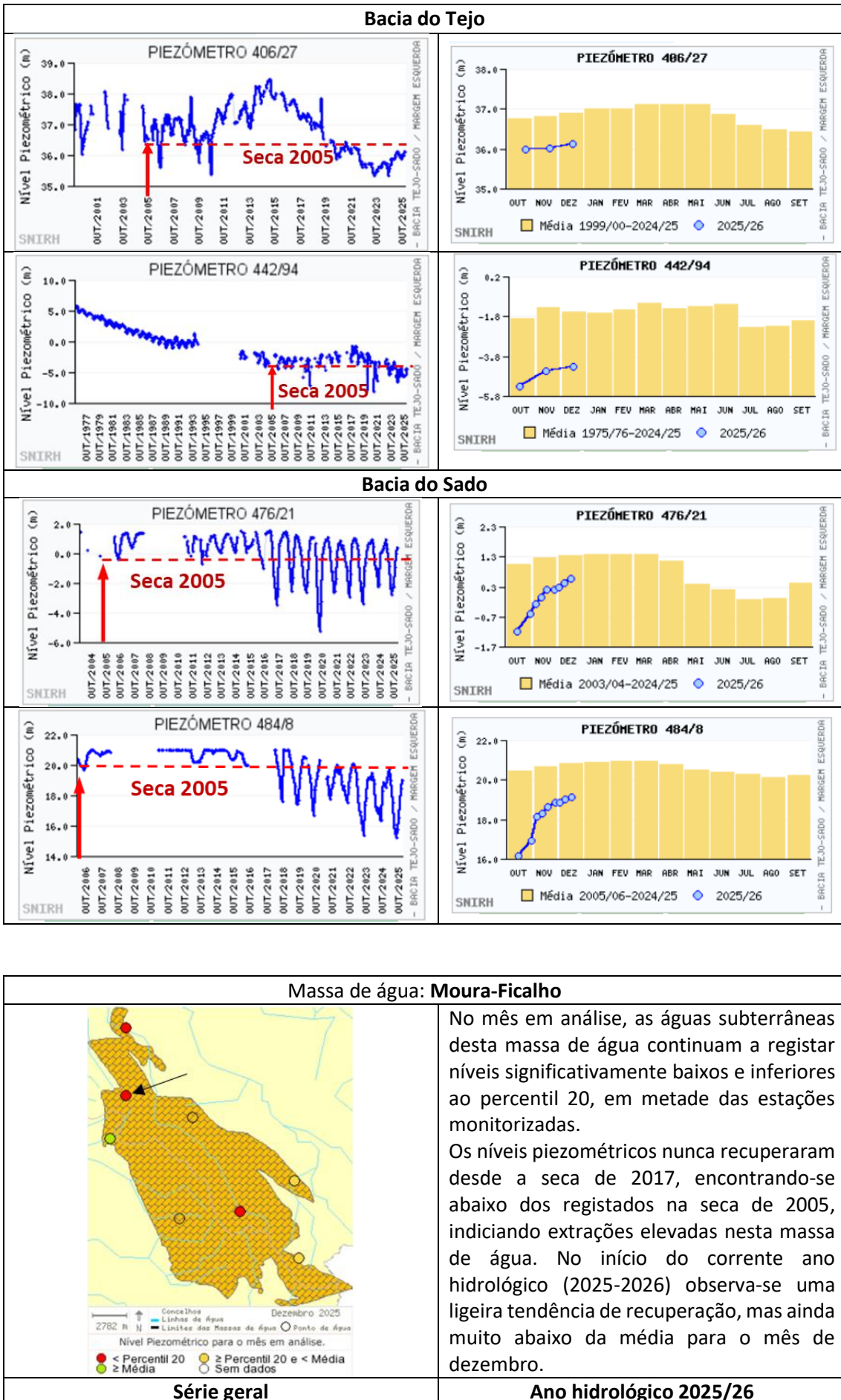
4.2. Análise dos níveis piezométricos

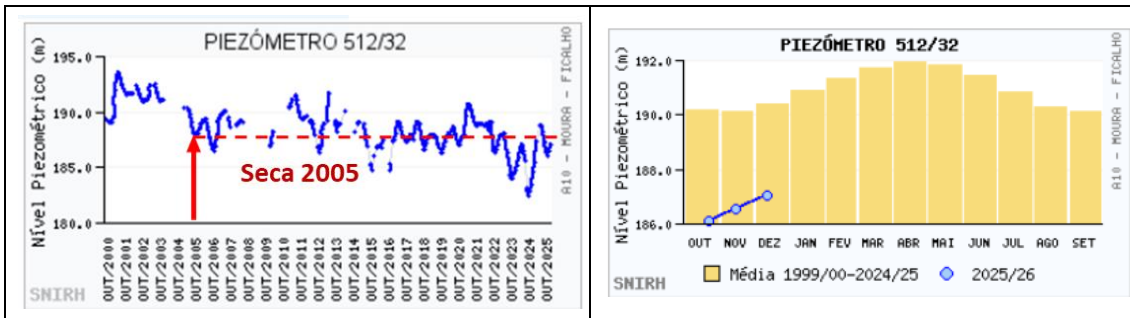
Atendendo aos dados disponíveis no mês de dezembro de 2025, constata-se que os níveis piezométricos em **313 pontos observados em 55 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais. No entanto nas seguintes massas de água, os **níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais**:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Paço
Guadiana	Moura – Ficalho
Ribeiras do Algarve	Campina de Faro Covões Querença – Silves

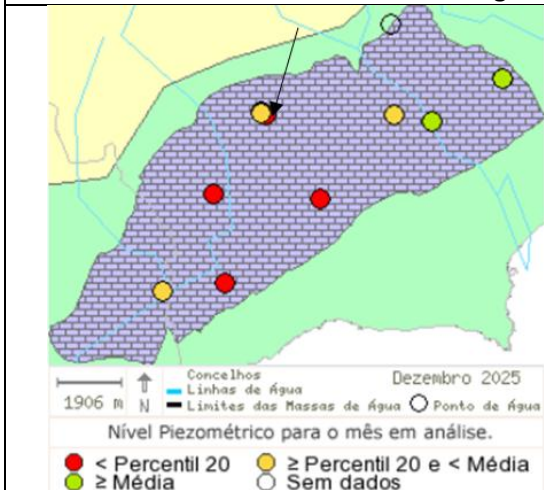
Apresenta-se, seguidamente, um detalhe da evolução dos níveis de água subterrânea nas massas de água que merecem maior preocupação. Destacam-se, para o mês em análise, as massas de água da Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda (bacia do Tejo e Sado), Moura-Ficalho (bacia do Guadiana), Querença-Silves e Campina de Faro (bacia das ribeiras do Algarve), onde os níveis de água subterrânea, apesar de revelarem indícios de recuperação, registam-se ainda baixos, face ao impacte das extrações existentes nas mesmas e dos níveis se encontrarem profundos nos últimos anos. Importa, ainda, referir que os níveis de água subterrânea do mês em análise são comparados com o nível registado durante a seca de 2005, considerada, até ao momento, o período de seca mais severa.





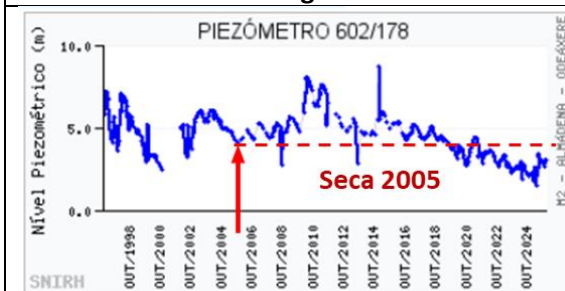


Massa de água: Almádena-Odeóxere

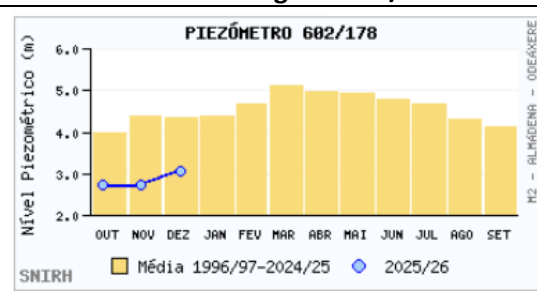


No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20, em diversas estações de monitorização. No início do corrente ano hidrológico (2025-2026) os níveis apresentam uma ligeira tendência de subida. Contudo, a situação no início do corrente ano hidrológico é mais grave que na seca de 2005.

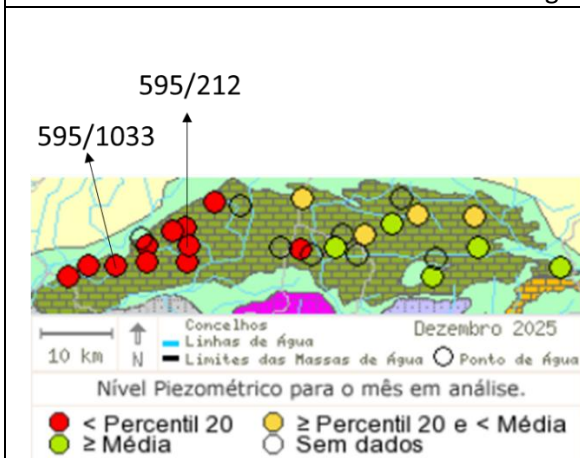
Série geral



Ano hidrológico 2025/26



Massa de água: Querença-Silves

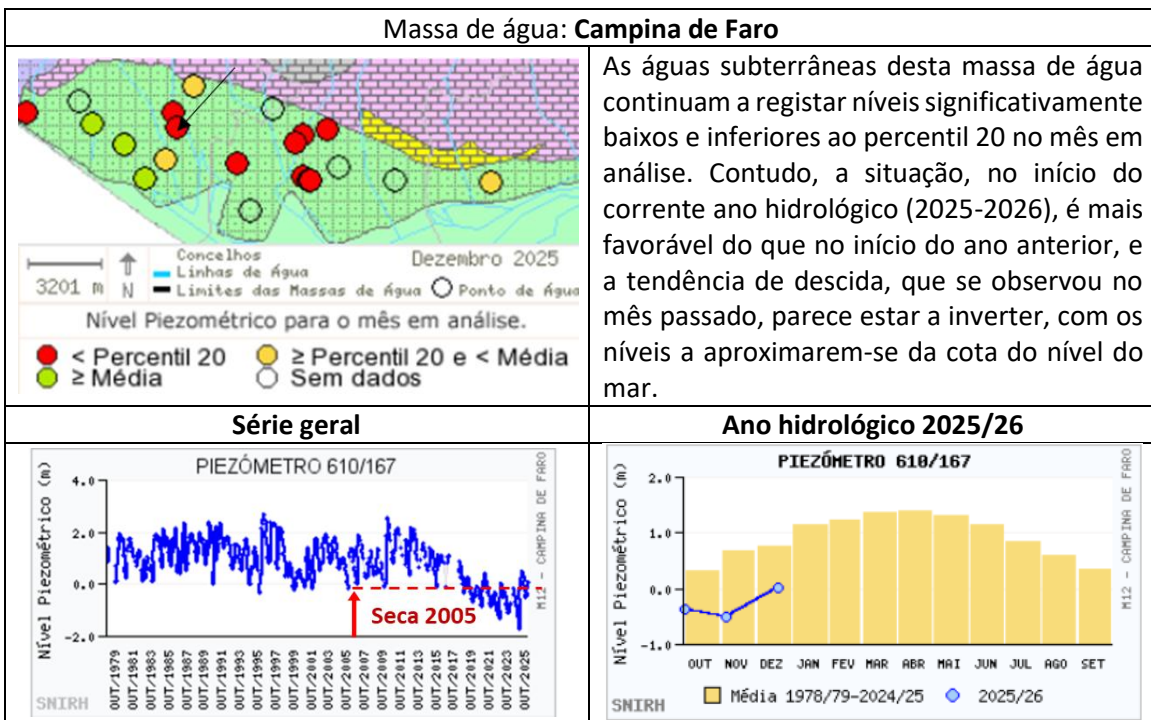
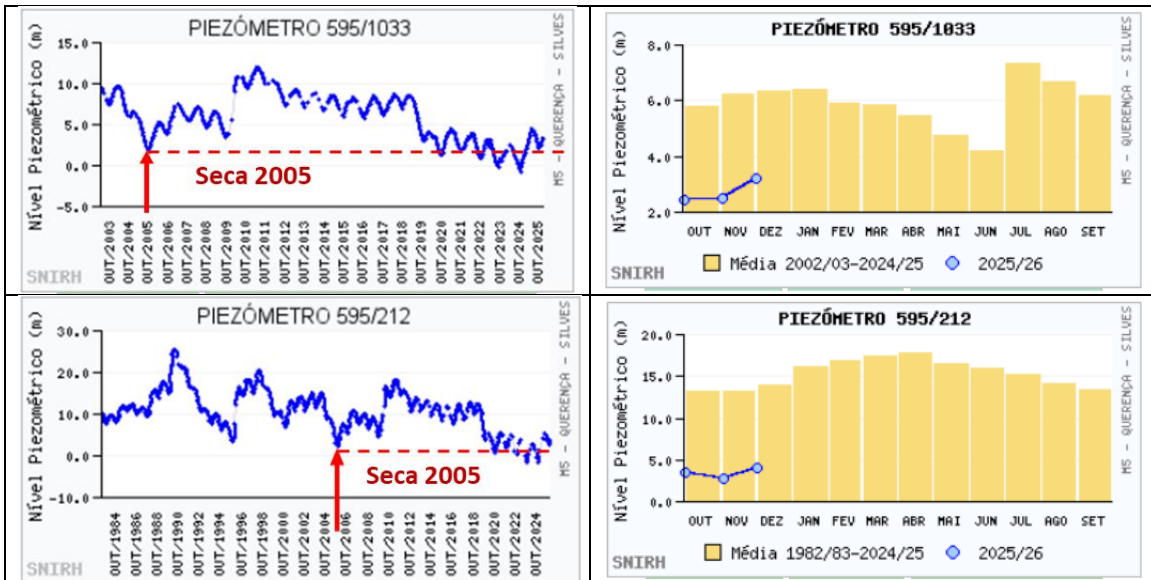


No mês de dezembro, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20 na zona oeste, de descarga. As zonas este e central continuam a apresentar indícios de recuperação, resultantes dos eventos pluviosos que ocorreram durante os dois anteriores anos hidrológicos, e no princípio do corrente, bem como por serem zonas com menor extração, em relação ao outro setor.

A situação no início do corrente ano hidrológico (2025-2026) é, ligeiramente, mais favorável que na seca de 2005.

Série geral

Ano hidrológico 2025/26



4.3. Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem ser colocadas em situação crítica, pois desde o início do ano hidrológico 2018-2019 que registam níveis muito baixos, continuando sem recuperar. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistem, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, **níveis inferiores ao percentil 20**, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em **situação crítica** são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Albufeira - Ribeira de Quarteira Almádena – Odeóxere Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Covões Malhão Quarteira Querença - Silves

Face ao mês anterior, novembro de 2025, não há alteração na lista das massas de água em situação crítica.

4.4. Massas de água em vigilância

Atendendo a que os eventos pluviosos, ao longo dos dois anteriores anos hidrológicos, ainda não se refletiram na recarga de diversas massas de água, permanecem algumas em **vigilância**, isto é, que merecem especial atenção, nomeadamente:

- **Todas as MA das Bacias do Guadiana, Sado, Mira e das Ribeiras do Algarve, exceto as que se encontram em situação crítica;**
- Ourém (bacia do Tejo);
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

Considera-se que as massas de água acima identificadas, ou as massas de água que nos últimos meses registam níveis de água subterrânea baixos, devem permanecer em vigilância, em especial nas bacias hidrográficas do Alentejo e Algarve. Comparando com o mês anterior, não há alteração na lista das massas de água em vigilância.

4.5. Apreciação geral

Durante o ano hidrológico de 2024-2025 e, tendo em conta a precipitação que ocorreu nos meses de janeiro, março e abril, algumas massas de água subterrânea registaram uma melhoria nos níveis piezométricos, mas verificou-se que, no final do ano hidrológico passado, em algumas

delas se começou a observar uma tendência de descida, atendendo a que as extrações se mantêm.

Com o início deste novo ano hidrológico, observa-se, ainda, que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, nunca conseguiram recuperar ou começando a registar indícios de recuperação, não obstante os eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e início do corrente, continuam, contudo, a registar níveis significativamente baixos.

De referir que **a situação mais preocupante se mantêm nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma recarga eficaz, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem muito baixos, não obstante haver indícios de recuperação. Em algumas delas, os níveis encontram-se próximo do nível médio da água do mar, ou mesmo inferior, podendo conduzir a situações de intrusão salina.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, mantêm-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica atendendo à fraca recuperação dos aquíferos.

5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

A disponibilização de informação por parte da DGADR, reflete a preocupação crescente deste organismo, enquanto Autoridade Nacional de Regadio, em fornecer um conteúdo informativo mais abrangente, sobre os volumes totais e úteis armazenados nas albufeiras e compará-los com as necessidades em água associadas às campanhas de rega nos diversos aproveitamentos.

Os volumes apresentados possibilitam prever se a campanha de cada ano irá ocorrer normalmente ou, se pelo contrário, são antecipadas dificuldades que, segundo a sua gravidade, determinem a tomada de medidas tendentes a diminuir o consumo de água para os vários usos, nomeadamente no regadio. As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão identificadas Figura 22.



Figura 22 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR)

Os armazenamentos registados no final de dezembro nas albufeiras monitorizados pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na Tabela 3. Nesta

tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em dezembro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>)

DISPONIBILIDADES HÍDRICAS					GESTÃO DA CAMPANHA DE REGA						
Origem	Bacia	Cota (m)	Volume Total na Albufeira (hm ³)	Evolução Mensal (%)	Aproveitamento	Necessidade da Campanha (hm ³)	Volume Útil Disponível (hm ³)	Estado da Campanha	Volume Consumido e Executado (hm ³)	Previsão para a Campanha 2025 (Nível de Confligência)	
NORTE											
Estevãinha	Douro	624.05	1.110	69%	Alfândega da Fé	1.000	0.812	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 81%
Burça	Douro	322.75	0.680	74%	Vale do Vilarça	1.200	0.380	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 48%
Santa Justa	Douro	254.80	2.410	69%	Vale do Vilarça	1.900	1.657	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 87%
Salgueiro	Douro	221.50	1.710	95%	Vale do Vilarça	0.300	1.560	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Ribeira Grande e Arco	Douro	183.10	3.970	66%	Vale do Vilarça	1.900	2.327	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vale Madeiro	Douro	286.10	0.860	52%	Vale Madeiro	0.900	0.773	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 86%
Arcossó	Douro	526.60	1.880	39%	Veiga de Chaves	3.300	1.673	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 51%
Rego do Milho	Douro	452.05	1.390	73%	Rego do Milho	0.500	1.297	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Armaraz	Douro	748.90	1.540	53%	Temilobos	1.300	1.457	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Azilbo	Douro	600.49	48.540	89%	Macedo de Cavaleiros	4.000	40.740	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Gostel	Douro	753.70	0.840	62%	Gostel	2.700	9.531	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Prada	Douro	931.50	0.250	100%	Prada	0.163	0.240	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Curialha	Douro	403.60	0.570	72%	Curialha	0.316	0.560	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Mairos	Douro	797.60	0.230	62%	Mairos	0.240	0.220	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 85%
Camba	Douro	617.85	0.850	78%	Camba	0.750	0.820	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Burgães	Vouga	--	--	--	Burgães	--	--	--	--	--	--
CENTRO											
Subagão	Douro	787.85	102.100	89%	Cova da Beira	50.000	98.197	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Meimoa	Douro	566.08	33.083	81%	Cova da Beira	15.000	19.183	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Agulheira	Mondego	119.89	334.410	79%	Baixo Mondego	114.000	127.410	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Marechal Carmona	Tejo	253.72	67.120	86%	Idanha	40.000	66.320	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Parcão	Vouga	104.04	0.103	100%	Ribeira do Parcão	0.040	0.099	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vermosa	Douro	484.00	1.650	75%	Vermosa	0.800	1.600	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Macleira	Mondego	143.63	0.946	100%	Ribeiras Fraga e Morlôgua	0.500	0.920	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Perelias	Vouga	482.04	0.120	100%	Ferrelas	0.020	0.116	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Bouça-Cova	Douro	575.30	3.800	78%	Cerejo	3.000	3.617	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Alfaiates	Douro	801.01	0.854	100%	Alfaiates	0.152	0.650	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Açafal	Tejo	112.67	1.746	100%	Açafal	0.800	1.746	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Coutadas/Tamujais	Tejo	127.38	2.498	62%	Coutadas/Tamujais	1.985	1.907	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 96%
Calde	Vouga	547.22	0.589	100%	Várzea de Calde	0.150	0.556	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Maqueija	Tejo	353.55	0.134	100%	Maqueija	0.050	0.134	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
LISBOA E VALE TO TEJO											
Alvarinha	Rib. Oeste	99.40	0.301	44%	Alvarinha	0.500	0.271	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 54%
Carri	Tejo	94.10	2.729	100%	Carri	0.700	2.379	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Óbidos	Rib. Oeste	29.40	3.350	53%	Óbidos	--	--	--	--	--	--
ALENTEJO											
Divor	Tejo	260.32	9.541	80%	Divor	2.700	9.531	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Magos	Tejo	16.75	3.384	100%	Magos	2.500	3.000	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Maranhão	Tejo	128.53	179.530	87%	Vale do Sorralo	94.010	155.030	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Minutos	Tejo	258.20	26.580	51%	Minutos	10.000	24.480	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Montargil	Tejo	78.92	147.469	50%	Vale do Sorralo	78.500	125.869	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Veiros	Tejo	266.49	7.181	70%	Veiros	3.700	6.071	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Alvílo	Sado	195.73	111.249	84%	--	--	108.749	--	--	--	--
Campilhos	Sado	101.87	10.019	17%	Campilhos e Alto Sado	15.000	9.019	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 60%
Fonte Serne	Sado	76.70	3.475	67%	Campilhos e Alto Sado	2.000	1.975	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 99%
Miguelis	Sado	154.70	0.590	63%	Campilhos e Alto Sado	0.800	0.476	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 60%
Monte Galo	Sado	178.72	0.493	75%	Campilhos e Alto Sado	0.600	0.437	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 73%
Monte de Rocha	Sado	126.44	30.160	29%	Campilhos e Alto Sado	25.000	25.160	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Odiveias	Sado	100.35	73.040	76%	Odiveias	44.000	47.040	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Rego do Altar	Sado	49.35	70.470	75%	Vale do Sado	50.000	70.070	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Rexo	Sado	130.13	36.936	38%	Rexo	30.000	30.136	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 60%
Vale do Galo	Sado	39.05	54.656	87%	Vale do Sado	35.000	46.656	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Carte Brigue	Mira	134.20	1.560	95%	Mira	1.000	1.385	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Santa Clara	Mira	117.60	281.379	58%	Mira	50.000	36.679	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 73%
Abriçango	Guadiana	251.00	17.364	87%	--	--	16.364	--	--	--	--
Alqueva	Guadiana	149.81	3695.551	89%	EFMA	430.000	2695.551	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Luçelefil	Guadiana	179.35	6.356	64%	Luçelefil	6.000	5.756	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 96%
Coia	Guadiana	231.43	165.971	86%	Coia	40.000	155.271	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vigia	Guadiana	220.30	8.762	51%	Vigia	8.200	7.616	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 93%
Apartadura	Tejo	593.27	6.664	95%	Marvão-Apartadura	2.000	6.179	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
ALGARVE											
Beliche	Guadiana	49.28	39.330	82%	Solvento Algarvio	19.000	38.930	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Odeleite	Guadiana	49.43	115.960	89%	Solvento Algarvio	35.000	102.960	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Bravura	Odeleite	77.35	18.999	53%	Alvar	3.240	16.434	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Arade (Sives)	Arade	55.15	18.985	67%	Sives Logoa e Porfimão	15.000	17.340	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Funcho	Arade	93.78	40.200	84%	--	--	35.230	--	--	--	--
Odeleuca	Arade	98.15	129.08	82%	--	--	100.136	--	--	--	--
Malhada do Peres	Rib. Algarve	60.40	0.26	51%	Malhada do Peres	0.200	0.260	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Pessegueiro	Guadiana	239.00	0.30	100%	Pessegueiro	0.100	0.249	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%

***Níveis de confligência:**

- Nível 0 - Défice hídrico reduzido ou inexistente
- Nível 1 - Défice hídrico pouco significativo
- Nível 2 - Défice hídrico significativo (restrições)
- Nível 3 - Défice hídrico relevante (regatamento)

Notas:

- 1) Captação direta em rio ou ribeiro
- 2) Captação Subterrânea
- 3) Restrições ao Enchimento - RSB

Evolução Semanal:

- NPA Pleno Armazenamento
- ↑ Subida de Nível
- Manutenção de Nível
- ↓ Descida de Nível

Observações complementares:

Perdas por evaporação baseadas em observações evaporimétricas específicas (Anuários dos Serviços Hidráulicos, DGRAH, 1979)

5.1. Análise dos dados hidrométricos

Neste mês verificou-se uma tendência de subida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 44 a subir, 2 a descer e 19 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre 0,0 % (Burga) e 26,0 % (Maranhão). A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -4,0% (Malhada do Peres) e 32,0% (Vale do Gaio).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não nos comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, 6 das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental, Figura 23, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

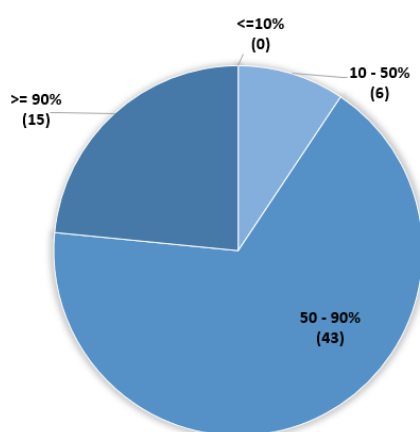


Figura 23 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

5.2. Planeamento de contingência

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira de Santa Clara, na bacia hidrográfica do rio Mira, é aquela que apresenta maior volume armazenado 281 hm³, o qual em termos de volume total corresponde a 58 % do seu pleno armazenamento (485 hm³). Na Figura 24 podemos observar a evolução dos volumes armazenados, desde o início do ano hidrológico, tanto no EFMA como nos restantes aproveitamentos hidroagrícolas.

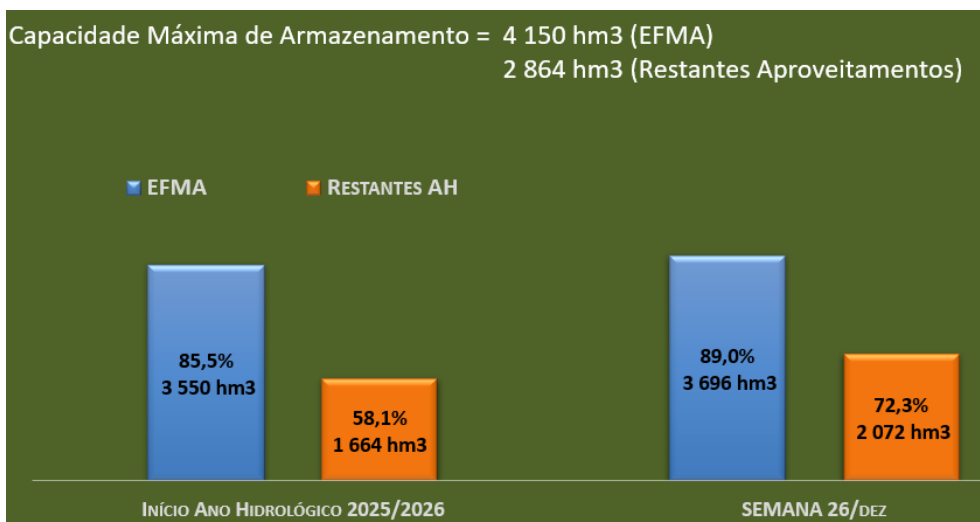


Figura 24 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) existindo apenas 8 com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

As albufeiras com reservas de água para a agricultura nível de contingência 2 são:

- **Burga, Arcossó, Migueis e Alvorninha** (Restrições impostas pelo Regulamento de Segurança de Barragens no caso de Alvorninha).

As albufeiras com reservas de água para a agricultura nível de contingência 1 são:

- **Campilhas, Monte Gato, Roxo e Santa Clara.**

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Aguieira.

Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do **Grupo IV** dos perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (13 de janeiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm3)	Volume Útil (hm3)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 12.01.2026 (hm³)	Volume a 25.11.25 (hm³)	Variação (hm³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm3)	%	
Alfândega da Fé	Camba	620,43	1,09	1,06	620,40	1,08	0,80	↑	0,28	99,08	1,05	99,06%
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	756,70	1,17	0,82	↑	0,35	84,78	1,16	86,67%
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,25	0,25	↔	0,08	100,00	0,24	100,00%
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	404,75	0,75	0,55	↑	0,20	94,94	0,74	94,88%
Chaves	Mairos	800,00	0,37	0,36	799,70	0,35	0,22	↑	0,13	94,59	0,34	94,46%

Na Tabela 5 indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do **Grupo IV**, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no mês de dezembro.

Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (02 de janeiro de 2026), de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm³)	Volume Útil (hm³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 02.12.25 (hm³)	Volume a 28.11.25 (hm³)	Variação (hm³)		% do NPA	Volume útil armazenado (hm³)	%
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	104,04	0,10	0,10	↔	0,0	100,0%	0,098	100,0%
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,51	0,13	0,13	↔	0,0	100,0%	0,134	100,0%
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	684,00	1,65	1,50	↑	0,15	75,0%	1,600	75,0%
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	143,63	0,95	0,95	↔	0,00	100,0%	0,920	100,0%
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	482,04	0,12	0,12	↔	0,00	100,0%	0,116	100,0%
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	575,30	3,80	3,23	↑	0,57	78,1%	3,617	78,1%
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	801,01	0,85	0,85	↔	0,00	100,0%	0,650	100,0%
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	112,65	1,75	1,75	↔	0,00	100,0%	1,746	100,0%
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,89	3,30	127,38	2,50	2,07	↑	0,43	64,2%	1,907	64,2%
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	547,21	0,59	0,59	↔	0,00	100,0%	0,556	100,0%

6. Agricultura e Pecuária

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de dezembro, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos II e III).

6.1. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado

No presente ano agrícola, as sementeiras dos cereais praganosos têm decorrido de forma espaçada e condicionadas pelas condições meteorológicas adversas, verificando-se, na generalidade, uma redução das áreas semeadas, face à campanha anterior.

A área já instalada é reduzida, correspondendo a sementeiras feitas em outubro ou novembro, uma vez que dezembro foi bastante chuvoso impossibilitando as máquinas de entrarem nos terrenos. Nas regiões Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo, o desenvolvimento vegetativo das áreas já semeadas foi razoável, condicionado pela humidade do solo e temperatura amena, enquanto no Alentejo e Algarve verificaram-se boas taxas de germinação e povoamentos homogéneos, embora com atraso no desenvolvimento vegetativo.

Os produtores aguardam melhorias das condições, para retomarem as sementeiras. No final do mês verificou-se a instalação de cerca de metade das áreas de trigo e aveia, comparativamente a período igual do ano anterior.

Prevê-se uma variação negativa ou semelhante das áreas semeadas, relativamente ao ano anterior.

6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

A intensa precipitação durante o mês de dezembro, atrasou ou impediu algumas sementeiras das culturas forrageiras e pratenses, que poderão vir a ser realizadas em janeiro, logo que as condições climáticas o permitirem (situação a acompanhar no próximo mês). Assim, neste mês não foi possível aumentar a área semeada de culturas forrageiras como estava previsto, nem efetuar o primeiro corte para silagem das forrageiras instaladas mais precocemente, que se previa em meados de dezembro. As áreas semeadas, como as de azevém, consociações com aveia e

triticale tiveram um desenvolvimento vegetativo razoável, que comparado com o mesmo período no ano passado, verifica-se um porte das plantas menor e uma densidade inferior.

A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal mantém-se similar ao ano anterior. Em zonas de maior altitude e nos baldios o alimento disponível foi abundante, permitindo o pastoreio das diferentes espécies. Enquanto, nas zonas de cotas mais baixas, nomeadamente de aluvião, não houve condições para pastoreio direto, optando-se por alimentos armazenados.

As espécies pecuárias, com particular destaque para os bovinos, encontravam-se maioritariamente em regime de alimentação à base de forragens conservadas, principalmente fenossilagem.

6.3. Colheita das culturas arvenses de regadio, em particular o milho: como decorreu; sua produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade, condições de secagem e armazenamento.

Milho

O excesso de precipitação, atrasou a colheita do milho, que continuou até final do mês. Os terrenos encontravam-se muito alagados e as máquinas agrícolas trabalharam com muita dificuldade. Os custos de secagem têm sido muito elevados, devido à elevada humidade.

De notar que se registaram estragos provocados pelos javalis e, verificou-se problemas fitossanitários, designadamente a presença de figueira do inferno (*Datura stramonium*), assim como a deteção de micotoxinas (aflatoxinas e fumonisinas), devido à presença de fungos associados aos níveis elevados de humidade.

No geral, **mantém-se a perspetiva de uma produtividade menor do que no ano anterior,**

Arroz

À semelhança da cultura do milho, também se verificou atrasos na colheita do arroz, que ainda decorre no Baixo Mondego. Nesta zona, perspetivam-se produtividades inferiores ao ano transato.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, a precipitação prolongou a maturação dos grãos, atrasando o final da colheita, tendo sido dada por concluída apenas a meados do mês. Ocorreu perda total de produção em algumas searas, por não colheita. Mantém-se, também, a estimativa de uma acentuada redução da produtividade

6.4. Culturas arbóreas, nomeadamente pomares de citrinos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Actínídeas (kiwi)

A colheita do kiwi ficou concluída, a qualidade foi boa e a produção foi superior em relação ao ano anterior.

Citrios

Na região Centro, os citrinos encontravam-se numa fase adiantada do seu ciclo, várias variedades já atingiram a sua maturação final, nomeadamente a tangerina, a clementina e a laranja da baía. Em relação, à produção apresentava-se bastante heterogénea na região.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, os pomares de limão apresentavam uma boa quantidade de frutos, tendo sido realizadas colheitas durante o mês, produção resultante da floração da Primavera. Considera-se um bom ano de produção, com uma quantidade semelhante à do ano anterior e uma boa qualidade dos frutos. Nos pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), o excesso de água no solo provocou o amarelecimento da folhagem em algumas zonas de pomares, confirmando-se uma produtividade menor, comparando com o ano anterior. Em relação, à colheita das tangerias deverá iniciar-se em meados de fevereiro, e tudo indica uma boa qualidade, com calibres acima do valor comercial, coloração uniforme e bons teores de brix e de acidez.

No Algarve, o mês de dezembro foi bastante húmido, favorecendo assim o aparecimento de diversas doenças, destacando-se o míldio. Ainda assim, verificou-se até ao momento nas cultivares de laranja temporãs (Newhall ou Navelina) e grupo das Clementinas e outros híbridos, uma produção superior ao ano anterior na região.

Olival

➤ **Norte**

Na sub-região Entre Douro e Minho, a produção de azeite foi de boa qualidade e superior à última campanha.

Na região transmontana, a colheita de azeitona para azeite ainda decorre, prevendo que termine no mês de janeiro. A campanha apresenta-se menos produtiva, quando comparada com a campanha do ano anterior, mas com uma qualidade superior.

➤ **Centro**

A colheita da azeitona ficou concluída e constatou-se que a produtividade foi bastante heterogénea na região, registando-se melhores rendimentos nas zonas do litoral e de transição e piores rendimentos nas zonas do interior, quando comparado com o ano anterior.

Ainda assim, a qualidade da azeitona para azeite foi superior ao ano anterior e, por conseguinte, o azeite produzido foi de boa qualidade.

➤ **Lisboa e Vale do Tejo**

No final do mês, a colheita encontrava-se totalmente concluída. Conclui-se que esta campanha foi em termos quantitativos significativamente superior à do ano anterior, principalmente pela maior produtividade da azeitona para azeite, destacando-se especialmente nas variedades mais tardias a responsabilidade para esse aumento. Confirma-se uma regularidade do rendimento médio em azeite ao longo da campanha, posicionando-se entre os 11% e 12%. De uma forma geral este foi um ano de elevada qualidade dos azeites obtidos.

No Oeste, ajusta-se a informação do último relatório: "...estima-se uma produtividade média ligeiramente menor do que no ano anterior.", constatando-se neste mês, um aumento progressivo do rendimento em azeite, sendo que, de um modo geral, foi um ano excepcional e de elevada qualidade dos azeites.

➤ **Alentejo**

A previsão para o ano em curso aponta para uma diminuição de 15 a 20% na produção de azeitona, comparativamente ao ano anterior, resultado da diminuição das produtividades médias no olival intensivo/sebe, devido às condições climatéricas ocorridas durante o ciclo vegetativo (excesso de calor na altura do vingamento).

➤ **Algarve**

Na região verificou-se uma quantidade e qualidade de azeitonas superior à do ano anterior e, estima-se um aumento da produtividade excepcional, cuja informação será mais bem avaliada no próximo relatório.

6.5. Abeberamento dos animais

No mês de dezembro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

7. Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de dezembro de 2025, foram reportadas 315 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a uma redução de cerca de 18% face ao mês precedente e a um aumento de cerca de 51% comparativamente com a média de igual período de anos anteriores, conforme ilustrado na Figura 25.

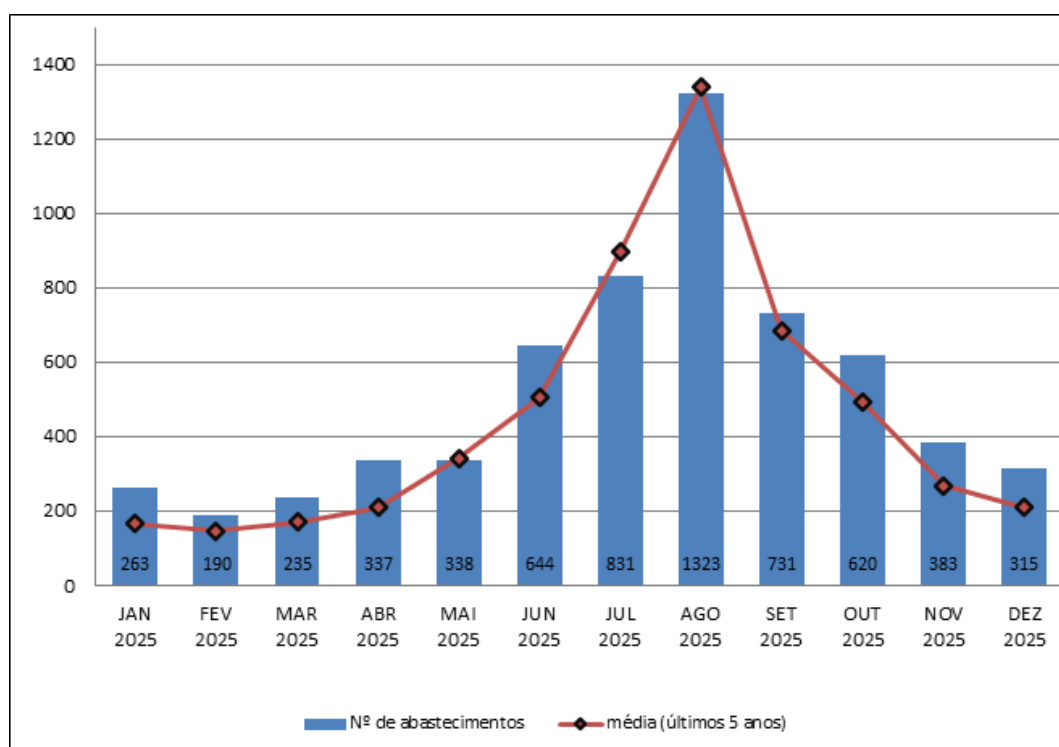


Figura 25 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC)

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Aveiro (73), Faro (65), Guarda (28), Lisboa (24), Braga, Bragança e Vila Real (21) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros

têm por finalidade o abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Anadia – 62 abastecimentos;
- Vila do Bispo – 49 abastecimentos;
- Mêda – 18 abastecimentos;
- Mafra – 17 abastecimentos;
- Mirandela - 16 abastecimentos.

7.2 Abastecimento público

Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2022 e 2025, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis.
- Avaliação dos volumes totais armazenados por empresa face ao histórico.
- Avaliação dos volumes armazenados totais e úteis, por albufeira, relativos ao mês de dezembro de 2025.

Nas tabelas e figura seguintes sintetizam-se a informação compilada e analisada.

Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/12/2025 (Fonte: AdP)

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
-	Alvão Cimeira - 38,05%	-	Monte da Rocha - 29,78%	Roxo - 42,59%

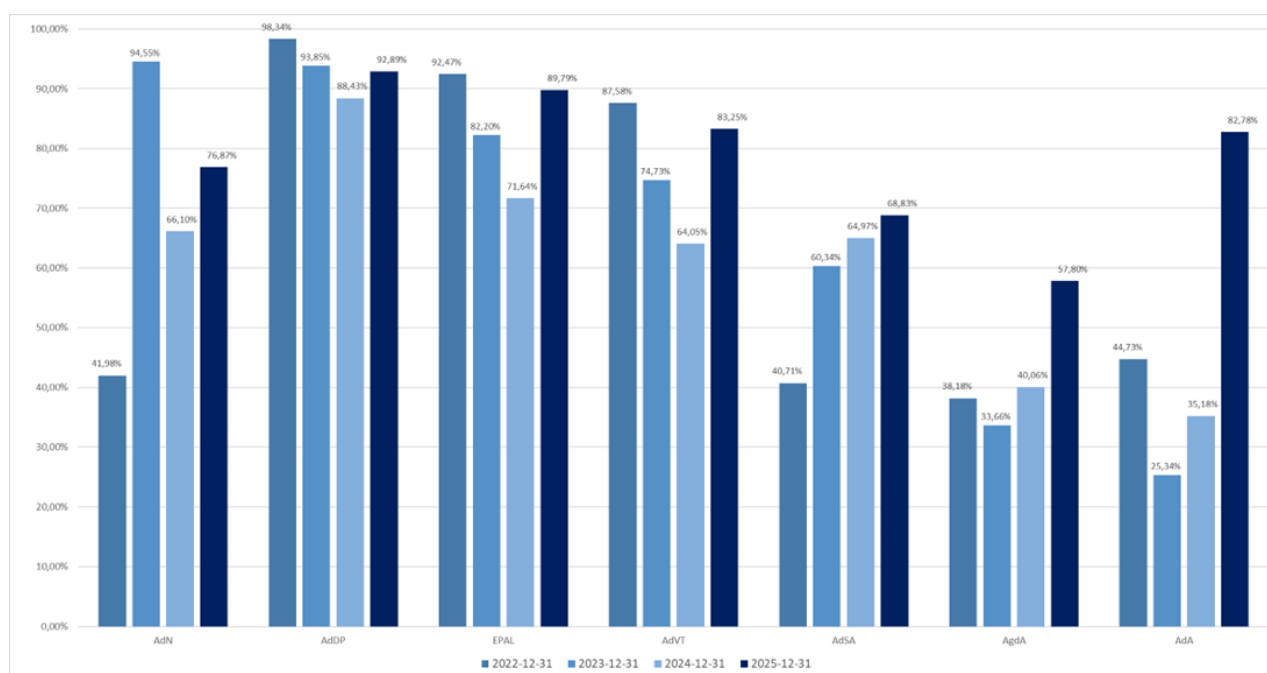


Figura 26 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/12 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2022 e 2025 (Fonte: AdP)

Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/12, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm³ e %) (comparação entre 2022 e 2025) (Fonte: AdP).

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	31 dezembro							
			2022		2023		2024		2025	
			hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%
AdN	Alijó (Vila Chã)	Douro	0.33	18.94%	1.74	100.18%	1.15	65.88%	1.77	101.44%
	Alto Rabagão	Cávado	178.05	31.31%	543.80	95.62%	356.46	62.68%	410.25	72.14%
	Alvão-Cimeira	Douro	0.93	64.05%	1.28	94.60%	1.17	73.49%	0.55	38.05%
	Alvão-Fundeira	Douro	0.13	100.51%	0.13	100.00%	0.10	79.91%	0.13	100.00%
	Arcossó	Douro	1.96	40.14%	4.41	90.00%	2.06	42.00%	2.76	56.50%
	Arroio	Douro	0.15	99.41%	0.15	100.89%	0.15	99.71%	0.15	101.18%
	Azibo	Douro	37.28	68.44%	50.91	93.47%	45.16	82.91%	48.53	89.09%
	Camba	Douro	0.63	56.64%	1.12	100.66%	0.96	86.15%	1.08	97.24%
	Ferradosa	Douro	0.65	90.80%	0.71	99.83%	0.71	99.79%	0.72	100.10%
	Lumiares (Armamar)	Douro	0.72	24.96%	1.99	68.66%	1.60	55.34%	1.81	62.27%
	Olgas	Douro	0.94	100.37%	0.94	100.37%	0.94	99.88%	0.94	100.32%
	Palameiro	Douro	0.09	37.72%	0.24	101.91%	0.18	75.95%	0.24	101.91%
	Penheiro	Douro	0.22	28.45%	0.38	49.37%	0.45	58.92%	0.62	80.53%
	Pinhão	Douro	4.23	99.87%	4.27	100.61%	4.26	100.47%	4.26	100.47%
	Pretarouca	Douro	3.14	97.69%	3.10	96.45%	3.14	97.64%	3.11	96.71%
	Queimada	Ave	0.74	105.71%	0.70	100.00%	0.70	100.00%	0.70	100.00%
	Salgueiral	Douro	0.07	50.77%	0.13	99.05%	0.09	65.56%	0.13	101.97%
	Sambade	Douro	0.21	17.99%	1.02	88.15%	0.71	61.21%	0.94	81.35%
	Serra Serrada	Douro	1.68	100.00%	1.68	100.00%	1.68	100.00%	1.61	95.83%
	Sordo	Douro	1.00	100.00%	0.92	92.29%	0.64	64.33%	0.89	89.22%
	Touvedo	Lima	10.86	70.06%	12.91	83.29%	12.58	81.16%	12.29	79.29%
	Vale Ferreiros	Douro	0.85	70.84%	0.98	81.27%	1.01	84.55%	1.07	89.08%
	Valtorno-Mourão	Douro	0.12	10.41%	1.12	100.27%	0.69	61.62%	1.12	100.00%
Veigunhas	Douro	3.70	100.00%	3.80	102.76%	3.88	104.85%	3.81	103.15%	
Venda Nova	Cávado	89.64	94.86%	91.50	96.83%	70.48	74.58%	74.94	79.30%	
Vilar	Douro	25.66	25.73%	89.84	90.07%	62.15	62.31%	92.05	92.28%	
AdDP	Crestuma-Lever	Douro	108.17	98.34%	103.23	93.85%	97.27	88.43%	102.17	92.89%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	1012.56	92.47%	900.08	82.20%	784.47	71.64%	983.23	89.79%
AdVT	Apartadura	Tejo	6.59	88.26%	7.31	97.90%	6.35	85.09%	6.66	89.27%
	Cabril	Tejo	661.44	91.87%	529.66	73.56%	407.31	56.57%	612.73	85.10%
	Caia	Guadiana	166.34	81.94%	157.96	77.81%	140.39	69.16%	166.67	82.10%
	Caldeirão	Mondego	3.60	65.22%	3.42	61.96%	4.56	82.61%	3.73	67.57%
	Capinha	Tejo	0.50	100.00%	0.59	118.00%	0.48	95.20%	0.50	100.00%
	Corgas	Tejo	0.52	98.76%	0.48	72.03%	0.43	65.13%	0.43	81.92%
	Fumadinha	Vouga	0.29	100.00%	0.29	100.00%	0.29	100.00%	0.31	104.64%
	Marateca (St.ª Águeda)	Tejo	37.20	100.00%	33.18	89.18%	31.08	83.55%	37.18	99.93%
	Meimôa	Tejo	32.53	83.40%	32.92	84.42%	32.92	84.42%	33.32	85.44%
	Monte Novo	Guadiana	13.68	89.52%	9.70	63.47%	10.62	69.52%	13.85	90.63%
	Penha Garcia	Tejo	1.11	103.45%	1.16	108.57%	0.72	66.95%	0.82	76.68%
	Pisco	Tejo	1.20	100.00%	1.20	85.64%	1.20	85.64%	1.21	100.74%
	Póvoa e Meadas	Tejo	15.67	81.20%	12.03	62.33%	11.92	61.76%	10.29	53.30%
	Ranhados	Douro	2.89	100.53%	2.60	90.36%	2.60	90.36%	2.88	100.00%
	Sabugal	Douro	77.95	68.20%	85.20	74.54%	89.12	77.97%	83.38	72.95%
	Santa Luzia	Tejo	52.32	97.42%	42.80	79.70%	47.37	88.21%	46.43	86.47%
	Vascoveiro	Douro	3.17	100.12%	3.17	100.12%	3.17	100.12%	3.17	100.12%
Vigia	Guadiana	8.91	53.30%	2.90	17.35%	3.68	22.00%	8.76	52.39%	
AdSA	Morgavel	Ribeiras do Alentejo	13.23	40.71%	19.61	60.34%	21.12	64.97%	22.37	68.83%
AgdA	Alvito	Sado	96.16	72.57%	75.24	56.79%	92.97	70.17%	111.25	83.96%
	Enxoé	Guadiana	9.73	80.43%	7.94	76.38%	8.05	77.41%	12.71	105.07%
	Monte Clérigo	Guadiana	0.14	35.32%	0.15	37.06%	0.17	43.09%	0.21	51.71%
	Monte da Rocha	Sado	9.41	9.15%	8.17	7.95%	11.95	11.63%	30.60	29.78%
	Roxo	Sado	30.65	31.82%	37.51	38.95%	42.09	43.70%	41.02	42.59%
Santa Clara	Mira	169.82	35.01%	149.51	30.83%	176.21	36.33%	282.42	58.23%	
AdA	Beliche	Guadiana	25.03	52.15%	11.66	24.30%	18.49	38.52%	39.57	82.44%
	Bravura	Ribeiras do Algarve	3.40	9.75%	2.68	7.69%	4.39	12.61%	19.11	54.87%
	Odeleite	Guadiana	77.80	59.85%	40.71	31.31%	59.84	46.03%	117.76	90.59%
Odelouca	Arade	59.19	37.70%	38.68	24.64%	47.39	30.19%	129.68	82.60%	

Nas figuras seguintes apresentam-se os volumes armazenados totais e úteis por albufeira relativo ao mês de dezembro de 2025, bem como a respetiva capacidade de armazenamento.

Na Tabela 8, sistematizam-se as situações consideradas como “Prioritárias” ou “Em vigilância” bem como as respetivas medidas, à data de 31 de dezembro de 2025.

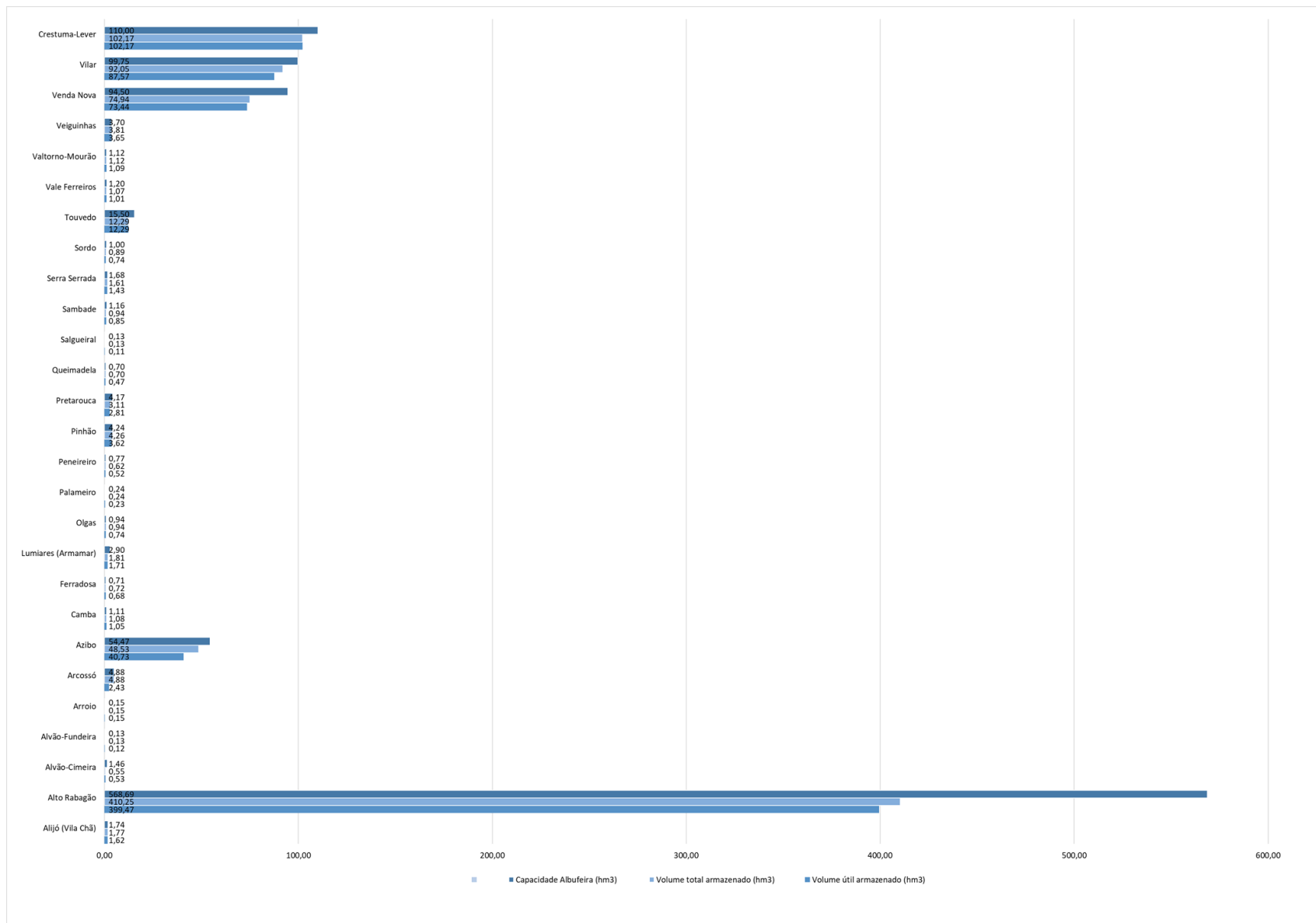


Figura 27 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/12/2025 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).

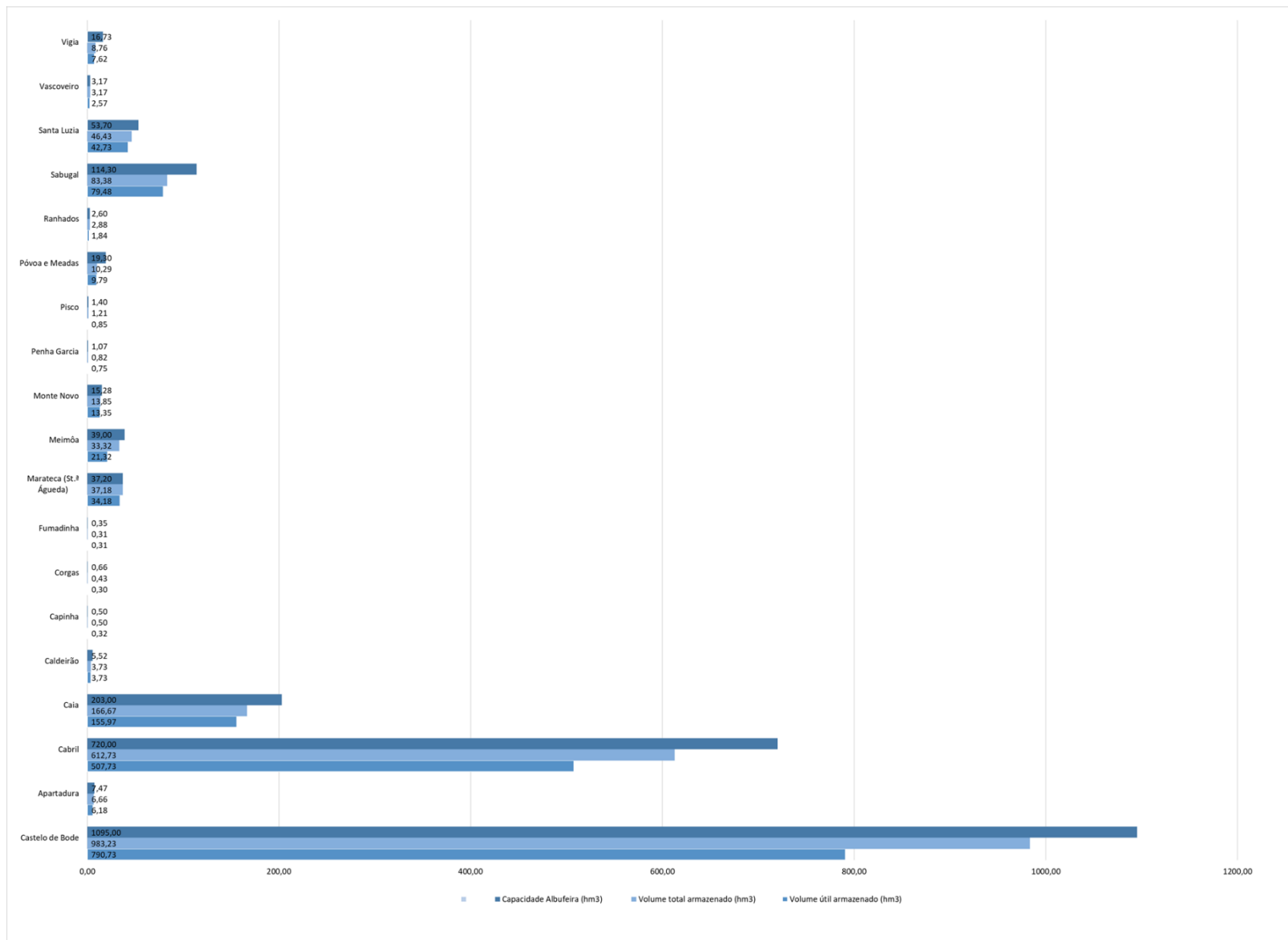


Figura 28- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/12/2025 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).

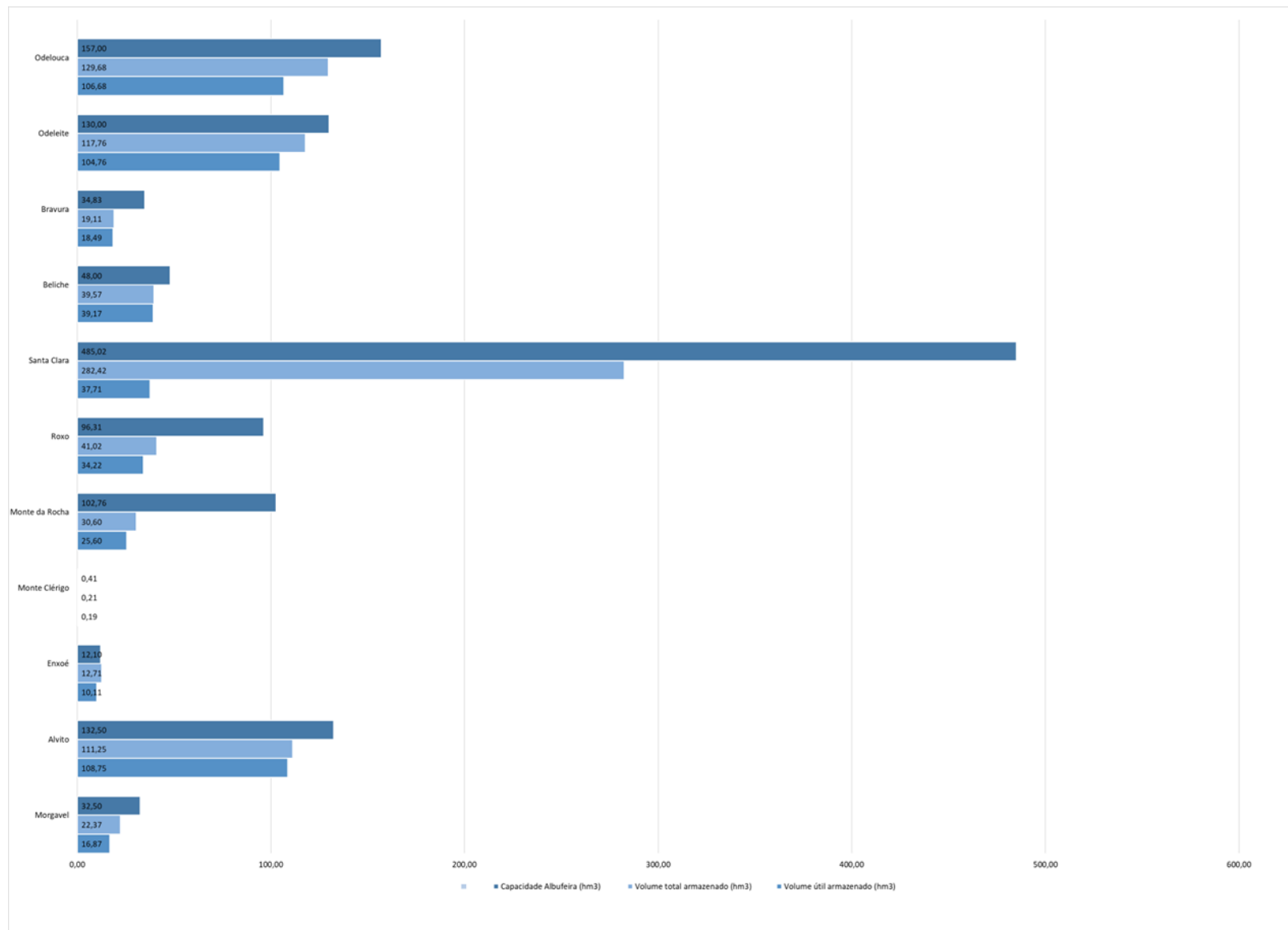


Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/12/2025 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).

Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	31/12/2025	Ribeira de Alge	Ansião, Figueiró dos Vinhos, Penela	Drenos de captação	Monitorização permanente do nível do poço de captação. Verificou-se, desde o final da semana de 11-15 julho de 2022, uma redução substancial do volume de água na Ribeira de Alge e um consequente abaixamento do nível do poço de captação.	Prioritária	<p>Tendo como objetivo a avaliação da possibilidade de recurso a águas subterrâneas, como alternativa/reforço das atuais captações sub superficiais, vai ser desenvolvido um estudo hidrogeológico. Aprovado em reunião de CA de 10-09-2024 o início de um procedimento administrativo de Ajuste Direto pelo Setor Especial para a contratação deste estudo à empresa Waterways, estando o mesmo já em curso.</p>	Não	Por concretizar

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	31/12/2025	Mosteiro de Folques	Arganil	Drenos de captação	Integração nas infraestruturas do Sistema Multimunicipal da captação e ETA municipais de Folques, destinada a aumentar a resiliência do subsistema	Prioritária	●	"Proceder à avaliação funcional das infraestruturas para avaliar a oportunidade da manifestação junto do município do interesse na integração no Sistema Multimunicipal. Em contatos estabelecidos com o Município de Arganil, a AdCL manifestou interesse na integração da infraestrutura municipal no Sistema Multimunicipal, estando em curso a preparação documental necessária á formalização do acordo/protocolo a estabelecer entre as partes.	Não	Em fase estudo/projeto

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Monte Clérigo-Rabaça	Almodôvar	Origens subterrâneas	Perda de produtividade de origem complementar à captação na albufeira de Monte Clérigo.	Em vigilância ●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Mata de Valverde	Alcácer do Sal	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância ●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Campo Redondo	Odemira	Origens subterrâneas	Conjugação de perda de produtividade da origem com captações elevadas	Em vigilância ●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Não	
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Santa Clara	Odemira	Albufeira	Preocupações com garantias do abastecimento público em cenários de fortes restrições no fornecimento para a agricultura.	Em vigilância ●	'Definição pela APA do regime de exploração da albufeira, incluindo a definição da cota mínima de captação. Implementação de medidas previstas e financiadas pelo setor da agricultura (e.g.	Sim	Por concretizar

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
							construção de nova captação, redução das perdas nos canais de rega, aumento da capacidade de reserva). Plano para aumento da sustentabilidade dos usos na bacia hidrográfica do Mira. Compromissos - Acordo H2O		
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Monte da Rocha	Almodôvar Castro Verde Ourique Odemira (9 localidades) Mértola (7 localidades)	Albufeira	Volume armazenado 24,243 hm ³ (Volume útil 19,243 hm ³). Necessidades anuais para abastecimento público 1,50 hm ³ (deverá ser salvaguardado o volume de 1,50 hm ³ + taxa de evaporação + infiltrações)	Prioritária	Ligação EFMA-Monte da Rocha. Reforço de campanhas de sensibilização. Levantamento das origens alternativas de abastecimento, incluindo reativação de instalações e avaliação das necessidades para	Sim	Em Execução

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
							<p>a respetiva operação.</p> <p>Agendamento reunião ARBCAS e municípios.</p> <p>Revisão do portfolio de medidas implementadas/ a implementar (captação, ETA, adução, distribuição, outras).</p>		
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m3. Necessidades anuais para abastecimento público 186 702 m3.	Em vigilância	● Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar
Águas Públicas do	31/12/2025	Cavaleiros/Almansor	Montemor-o-Novo	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	● Pedido de informação à APA relativo ao	Sim	

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Alentejo							licenciamento de furos para rega.		
Águas Públicas do Alentejo	31/12/2025	Santa Margarida da Serra	Grândola	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	<p>Comunicação da evolução das captações ao município.</p> <p>Recomendação da restrição de usos não potáveis.</p> <p>Transporte de água efetuado nos dias 29/09, 04/10, 09/10, 12/10 e 13/10 de 2022.</p>	Não	

7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados na Tabela 9 e na Tabela 10. São, ainda, indicados os volumes transferidos para cada um dos subsistemas do EFMA na Tabela 11, bem como os pontos de medição na

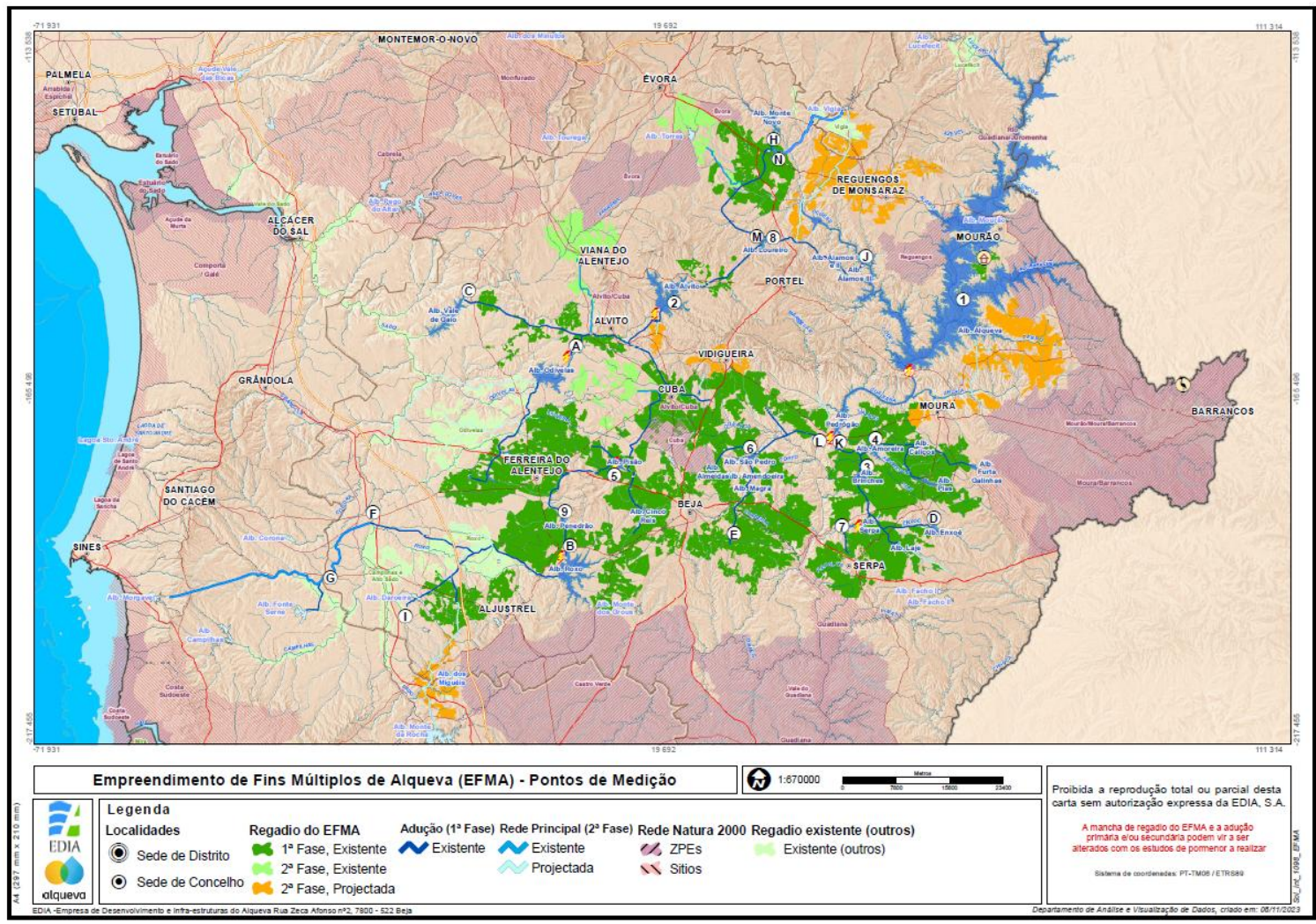


Figura 30.

Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/01/2026 (Fonte: EDIA)

Albufeira	Cota (m)	NPA (m)	Volume total albufeira (hm ³)	Volume útil albufeira (hm ³)	Volume armazenado (hm ³)	Volume morto (hm ³)	Volume útil armazenado (hm ³)	Percentagem volume útil (%)
1- Alqueva	149,85	152,00	4150,00	3117,00	3590,00	1033,0	2557,0	82,0
2 - Alvito	195,73	197,50	132,50	130,00	111,25	2,50	108,7	83,7
3 - Brinches	131,25	135,00	11,00	9,67	6,69	1,33	5,4	55,4
4 - Amoreira	132,60	135,00	10,69	8,99	7,88	1,7	6,2	68,7
5 - Pisão	154,81	155,00	8,20	6,66	7,91	1,5	6,4	95,6
6 - S. Pedro	140,71	142,50	10,83	8,55	7,96	2,28	5,7	66,4
7 - Serpa	122,91	123,50	10,20	9,90	9,35	0,3	9,1	91,4
8 - Loureiro	219,98	222,00	6,98	2,48	5,31	4,50	0,8	32,7
9 - Penedão	166,54	170,0	5,2	3,60	2,81	1,6	1,2	33,6

Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
A - Odivelas	0,005	0,000	1,562	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	4,781	7,899	4,615	18,862
B - Roxo*	0,012	0,005	5,665	8,271	0,012	0,004	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	13,969
C - Vale do Gaio	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
D - Enxoé	0,226	0,200	0,206	0,218	0,232	0,234	0,264	0,276	0,243	0,256	0,219	0,149	2,725
E - Magra	0,208	0,160	0,186	0,182	0,199	0,201	0,202	0,206	0,207	0,211	0,177	0,173	2,311
F - Morgavel	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
G - Fonte Serne	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
H - Monte Novo	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,109	0,837	0,812	0,771	0,800	0,312	0,000	3,640
I - Alto-Sado	0,001	0,000	0,000	0,000	0,087	0,118	1,300	1,511	0,844	0,707	0,002	0,012	4,582
J -Guadiana-Álamos	0,000	0,130	10,848	0,000	3,934	38,879	40,358	38,969	38,956	39,544	29,570	0,020	241,208

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
K - Ardila	0,148	0,166	0,028	0,091	3,046	14,068	18,777	18,500	9,616	7,612	0,373	0,050	72,475
L - Pedrógão MD	0,759	0,105	0,078	0,158	5,817	15,801	18,846	18,466	11,365	10,124	1,208	0,170	82,897
M - Loureiro-Alvito	0,000	0,000	8,916	0,000	1,996	24,769	24,691	25,942	27,968	31,542	24,135	2,081	172,040
N- Vigia	0,000	0,000	0,068	0,001	0,002	0,173	0,176	0,223	0,265	0,258	0,220	0,000	1,384

*Inclui consumos clientes EDIA, ARBCAS e ADSA

Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)

Volumes Elevados	(hm ³)
Subsistema	Total
Alqueva	241,21
Ardila	72,48
Pedrogão	82,90

Aspetos mais relevantes a sinalizar:

- i)-A albufeira de Alqueva subiu sensivelmente em dezembro e estava já, no início de 2026, à cota (149,85 m), a 2,15 m do seu NPA, tendo subido 1,11 m relativamente ao último mês, sendo o seu volume de armazenamento útil e total de, respetivamente, 2557 e 3590 hm³, portanto com mais 230 hm³ que no mês passado - e correspondendo a 82,0 % do volume útil da albufeira;
- ii) A albufeira do Alvito está a cota (195,73 m), portanto a 1,77 m do seu NPA, tendo subido no último mês 0,61 m;
- iii) Todas as outras albufeiras estão a menos de 4 m do seu NPA respetivo;
- iv) O volume total elevado em 2025 foi de 241,2 hm³ em Alqueva e de 155,4 hm³ em Pedrogão, num total de 396,6 hm³.

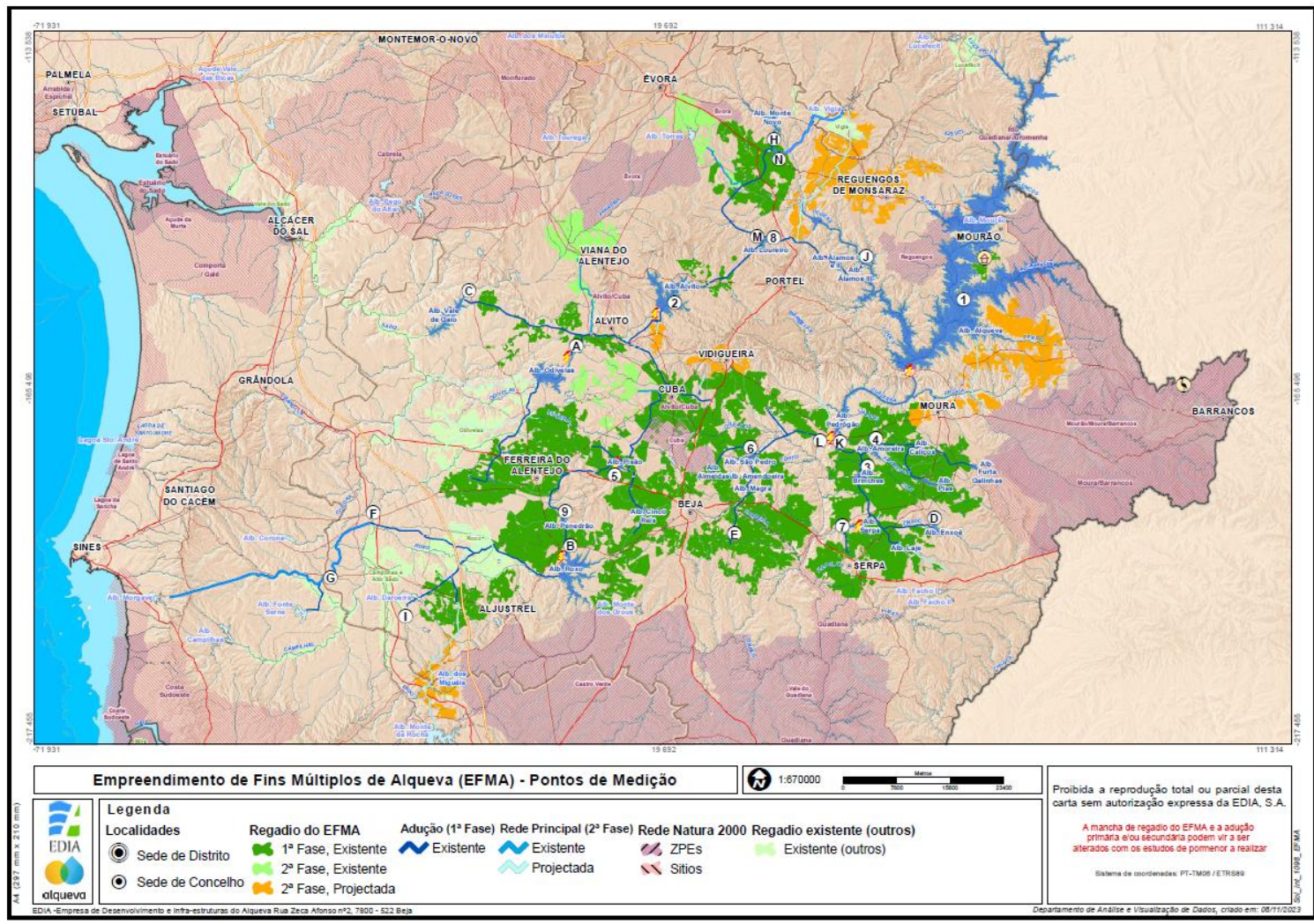


Figura 30 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão

ANEXOS

8. Anexo I

Atualização dos níveis de seca hidrológica

Os níveis de seca hidrológica propostos no Plano de Prevenção e Mitigação dos Efeitos da Seca foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 e 2019/20. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas:

- Na última década tem-se observado um aumento da frequência de períodos de seca e uma ausência de anos húmidos;
 - Os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se de forma significativa;
 - Os usos associados às barragens monitorizadas no Boletim de Albufeiras têm vindo a alterar-se;
 - A avaliação dos volumes disponíveis tem de integrar novas barragens, como Baixo Sabor, Ribeiradio, entre outras.

Neste contexto, importa proceder à atualização dos níveis de alerta definidos para cada bacia hidrográfica monitorizada, tendo por base um conjunto de índices, de registos históricos de secas e dos seus impactos nos diversos setores, com particular incidência nos últimos 20 anos, nas secas de 2004/05, 2011/12 e 2016/17.

Importa ter presente que reconhecer uma seca emergente, ou saber se a seca terminou, implica perceber o que é normal para um determinado local ou estação do ano e considerando períodos de tempo o mais longos possível. A compilação de dados sobre os impactos nos diversos setores assume enorme relevância na avaliação da situação de seca.

A análise dos períodos de seca hidrológica por bacia hidrográfica começou pela aplicação de um índice que permite avaliar o volume de água disponível nas albufeiras, *Drought State Index for Reservoirs (DSIR)*. Este índice aplicado às séries de volume armazenado mensal, por bacia hidrográfica, permite avaliar em cada mês o nível de seca, quando comparado na série total.

$$DSIR = \frac{1}{2} * [1 + (Vi - Vav) / (Vmax - Vmin)], \text{ se } Vi \geq Vav$$

$$DSIR = \frac{1}{2} * (Vi - Vmin) / (Vav - Vmin), \text{ se } Vi < Vav$$

Em que V_i – volume armazenado no mês i ; V_{av} – volume armazenado médio; V_{max} – volume armazenado máximo e V_{min} – volume armazenado mínimo

Procedeu-se ainda ao cálculo dos percentis 5 até 75, para a série histórica de cada mês do ano hidrológico, considerando períodos de tempo o mais longos possível. No caso das bacias hidrográficas do Guadiana e do Arade foi considerado um período de análise mais curto, tendo em conta a entrada em funcionamento das barragens de Alqueva e Odelouca, respetivamente. A bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve Sotavento, que tem ligação ao sistema Odeleite-Beliche, foi avaliada tendo em conta os volumes deste sistema. A bacia hidrográfica do Vouga não tem ainda associado níveis de alerta por ter uma série de dados que ainda não é estatisticamente representativa, será por isso apenas avaliada relativamente à média.

A informação estatística foi correlacionada com os impactos das secas nas últimas duas décadas, o que conduziu às classes de seca hidrológica constantes da Tabela 12.

Tabela 12 - Classes de seca hidrológica (Fonte: APA)

Nível de seca hidrológica	Percentis	Potenciais Impactos
Normal]P50; P75]	Situação normal correspondente a um ano médio
Seca fraca]P25; P50]	Seca de curto prazo com possível impactes ambientais, no cultivo e no crescimento de culturas ou pastagens. Possível fim da seca: Pastagens ou culturas não totalmente recuperadas, mas ainda com défice de água. .
Seca moderada]P10; P25]	Alguns impactes nas culturas, pastagens, diminuição dos caudais nos rios, nos volumes armazenados nas albufeiras, diminuição das reservas subterrâneas, com alguns impactes ambientais e sociais. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Seca em desenvolvimento.
Seca severa]P5;P10]	Perdas em culturas ou pastagens; Impactes significativos no ambiente e sociais Redução das disponibilidades pode obrigar a impor restrições aos usos. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais.
Seca extrema	<=P5	Grandes perdas em culturas/pastagens. Redução muito significativa das disponibilidades de água com necessidade de impor restrições generalizadas de água. Pode ocorrer proibição de usos não essenciais (enchimentos de piscinas, rega de jardins com água da rede, etc.) Forte impacte ambiental.

A metodologia descrita é aplicada a cada mês do ano permitindo desta forma definir níveis de alerta mensais. Assim é possível o monitorizar em contínuo do estado das reservas hídricas superficiais, por bacia hidrográfica, antecipar possíveis situações de seca e implementar medidas de prevenção de seca.

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO LIMA**

Bacia do Lima												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	29.9%	29.0%	29.7%	30.0%	35.3%	38.0%	51.7%	58.8%	56.0%	49.7%	46.3%	33.9%
P10	34.9%	30.5%	33.4%	37.5%	38.7%	46.0%	58.5%	63.8%	59.5%	53.5%	47.9%	40.4%
P25	41.6%	39.6%	51.7%	52.0%	53.3%	66.6%	72.4%	69.1%	65.8%	57.8%	52.2%	44.9%
P50	53.1%	58.1%	62.3%	63.9%	68.7%	73.5%	80.1%	81.7%	77.8%	67.5%	58.8%	52.3%
P75	60.5%	70.0%	70.9%	81.0%	77.5%	83.3%	87.4%	87.2%	82.2%	73.4%	66.4%	61.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO CÁVADO**

Bacia do Cávado												
Percentis	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	51.5%	48.3%	52.2%	51.0%	48.8%	50.2%	54.3%	58.5%	57.3%	52.8%	50.2%	49.7%
P10	52.1%	51.3%	55.9%	53.7%	51.3%	51.8%	56.7%	60.7%	58.5%	56.3%	54.1%	51.5%
P25	53.5%	59.7%	57.6%	58.8%	61.6%	65.8%	66.9%	69.5%	65.9%	60.6%	57.8%	54.7%

P50	59.0%	62.9%	66.3%	70.3%	72.0%	71.1%	76.3%	76.1%	72.3%	68.4%	64.6%	61.6%
P75	66.9%	69.2%	75.3%	82.2%	84.2%	83.8%	85.7%	82.0%	77.2%	73.1%	68.4%	66.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO AVE**

Bacia hidrográfica do Ave												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	32.6%	26.5%	37.9%	43.5%	45.7%	47.7%	59.5%	56.6%	40.7%	36.5%	30.3%	30.4%
P10	35.9%	35.3%	46.6%	49.9%	50.3%	52.3%	61.0%	59.8%	50.3%	47.2%	38.7%	32.6%
P25	42.1%	43.6%	54.7%	56.8%	62.1%	59.4%	65.8%	68.7%	59.8%	55.4%	45.7%	39.6%
P50	52.4%	64.3%	65.7%	75.8%	70.0%	71.7%	78.0%	78.6%	68.7%	61.7%	53.5%	48.0%
P75	66.2%	79.5%	97.0%	91.7%	93.5%	84.5%	88.8%	86.8%	76.4%	70.1%	64.5%	56.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**

Bacia hidrográfica do Douro												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50.4%	49.3%	53.9%	54.8%	55.1%	57.2%	57.2%	57.6%	57.6%	54.7%	52.5%	51.4%
P10	51.9%	52.7%	55.1%	55.3%	57.0%	58.5%	58.1%	62.8%	60.3%	57.2%	54.3%	53.6%
P25	56.7%	57.2%	58.0%	59.1%	61.3%	67.0%	70.5%	68.4%	66.2%	62.6%	59.4%	57.7%
P50	61.4%	60.0%	65.1%	68.0%	72.4%	74.3%	78.1%	74.9%	73.0%	68.8%	64.7%	61.6%
P75	63.1%	65.8%	71.3%	82.5%	80.5%	83.0%	80.7%	81.8%	77.2%	73.9%	71.2%	64.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MONDEGO**

Bacia Hidrográfica do Mondego												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	54.3%	56.2%	57.3%	62.0%	66.6%	70.0%	80.0%	83.3%	78.6%	70.7%	61.2%	56.0%
P10	56.5%	58.1%	60.1%	62.7%	66.9%	71.0%	80.9%	85.1%	80.4%	71.7%	63.3%	57.2%
P25	59.0%	64.1%	64.8%	66.6%	69.8%	73.4%	83.3%	86.7%	83.5%	74.0%	65.6%	60.6%
P50	61.9%	67.6%	70.3%	69.6%	72.5%	79.1%	89.3%	89.6%	87.8%	78.5%	67.3%	62.5%
P75	67.5%	72.4%	75.1%	77.0%	77.2%	81.0%	92.5%	92.2%	89.8%	81.9%	71.7%	63.4%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO**

Bacia hidrográfica do Tejo												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50%	56%	56%	54%	53%	58%	61%	63%	61%	57%	54%	50%
P10	54%	56%	57%	58%	58%	64%	65%	68%	66%	62%	58%	56%
P25	58%	59%	62%	64%	67%	74%	77%	76%	72%	67%	62%	59%
P50	63%	63%	72%	79%	82%	81%	83%	83%	80%	73%	67%	64%
P75	66%	68%	84%	89%	88%	87%	90%	88%	84%	76%	71%	68%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO OESTE**

Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Oeste												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	22.1%	25.1%	33.1%	36.1%	36.7%	36.4%	34.0%	31.8%	28.8%	26.6%	22.2%	21.0%
P10	26.3%	32.6%	38.9%	38.0%	38.9%	39.8%	39.7%	41.4%	36.7%	32.6%	28.9%	27.0%
P25	40.5%	43.2%	48.6%	52.1%	52.1%	51.3%	55.4%	54.7%	51.4%	48.2%	44.9%	42.3%
P50	49.7%	54.2%	56.9%	61.1%	67.7%	68.8%	67.1%	68.7%	66.0%	61.6%	57.1%	52.7%
P75	65.3%	67.7%	74.6%	82.1%	86.1%	86.7%	87.8%	83.6%	78.8%	73.9%	69.5%	66.3%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO SADO**

Bacia hidrográfica do Sado												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	18.6%	19.0%	25.3%	27.4%	29.7%	36.2%	38.3%	35.2%	30.3%	24.8%	20.1%	18.2%
P10	21.0%	21.4%	27.9%	30.5%	34.8%	42.1%	43.1%	39.2%	34.8%	29.3%	24.5%	21.8%
P25	31.3%	33.3%	40.0%	41.5%	43.5%	48.2%	49.1%	50.3%	46.6%	39.6%	33.4%	30.3%
P50	40.6%	44.7%	50.8%	63.4%	64.8%	65.4%	66.7%	62.7%	56.3%	48.8%	42.7%	39.3%
P75	56.1%	58.0%	71.1%	73.7%	77.9%	84.8%	85.9%	82.7%	76.9%	69.1%	61.0%	56.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA**

Bacia hidrográfica do Guadiana												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	59.3%	60.1%	64.5%	64.5%	64.9%	67.8%	67.1%	66.3%	64.4%	62.1%	60.6%	59.9%
P10	61.5%	61.8%	64.9%	65.7%	65.3%	69.4%	68.8%	68.0%	66.6%	64.6%	62.1%	61.6%
P25	66.2%	69.4%	74.3%	73.7%	76.2%	75.9%	75.8%	75.3%	73.5%	70.1%	66.6%	65.3%
P50	74.2%	75.5%	76.1%	77.3%	80.0%	81.3%	81.1%	81.3%	78.9%	76.0%	74.5%	74.0%
P75	76.9%	79.2%	83.6%	87.5%	88.8%	89.3%	88.4%	86.4%	83.8%	81.6%	79.2%	78.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MIRA**

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	40.7%	41.2%	42.5%	42.4%	44.8%	44.3%	44.2%	43.3%	41.9%	40.3%	38.8%	37.8%
P10	42.6%	43.0%	48.8%	49.0%	50.3%	51.0%	50.4%	49.2%	47.8%	46.1%	44.2%	42.8%
P25	55.5%	59.2%	59.4%	61.8%	63.3%	67.2%	66.9%	65.2%	62.9%	60.3%	57.7%	55.9%
P50	71.0%	71.6%	73.2%	77.9%	77.3%	78.1%	80.5%	80.4%	77.9%	74.9%	72.3%	71.1%
P75	81.7%	81.1%	83.9%	84.9%	87.7%	88.1%	90.8%	89.3%	87.0%	84.2%	81.3%	80.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO ARADE**

Bacia hidrográfica do Arade												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	33.6%	33.6%	38.6%	38.2%	40.3%	38.4%	41.9%	40.7%	38.9%	35.5%	32.0%	29.9%
P10	35.7%	36.6%	40.2%	40.0%	41.4%	45.4%	45.5%	44.5%	42.2%	38.9%	35.6%	33.4%
P25	40.3%	41.0%	48.3%	53.0%	52.4%	52.9%	52.4%	51.4%	48.2%	44.5%	40.8%	39.3%
P50	46.3%	49.1%	54.1%	55.0%	56.8%	60.4%	61.9%	61.1%	57.6%	53.8%	50.1%	47.0%
P75	56.5%	55.0%	55.3%	58.8%	61.6%	72.1%	74.8%	72.2%	68.6%	64.4%	60.3%	57.6%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (BARLAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Barlavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	11.8%	12.7%	18.5%	19.8%	25.7%	25.2%	23.8%	21.8%	19.0%	15.7%	12.2%	10.2%
P10	17.1%	17.0%	29.9%	31.2%	32.9%	32.5%	32.7%	31.1%	28.5%	23.7%	18.8%	15.1%
P25	37.9%	45.6%	48.7%	58.0%	59.9%	61.2%	61.9%	57.6%	52.6%	46.4%	40.9%	36.8%
P50	60.1%	60.1%	68.9%	72.5%	78.8%	81.2%	80.6%	79.9%	75.5%	69.6%	64.0%	60.0%
P75	70.3%	70.9%	81.3%	91.7%	97.0%	97.3%	97.1%	93.0%	87.8%	80.7%	74.0%	70.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (SOTAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Sotavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	31.0%	39.1%	43.5%	44.8%	45.0%	44.6%	46.0%	45.5%	42.9%	38.6%	33.7%	29.5%
P10	36.2%	44.7%	47.9%	49.3%	47.8%	46.7%	47.7%	51.2%	48.7%	45.9%	43.0%	39.6%
P25	46.5%	51.4%	63.4%	63.9%	67.2%	71.2%	69.4%	65.5%	61.0%	55.6%	50.4%	48.7%
P50	66.2%	69.1%	71.9%	74.9%	78.0%	82.0%	82.1%	82.8%	78.8%	74.7%	71.2%	68.5%
P75	76.5%	74.6%	76.7%	77.7%	87.0%	89.8%	89.7%	92.4%	88.3%	83.1%	78.4%	74.3%

9. Anexo II

Varição da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/26

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho					
Sorgo					
Aveia		-5 a 0			
Azevém		0		-10	
Centeio		-5 a 0			
Consociações				-20	
Leguminosas		0 a +20			
Prados temporários		0 a +50			
Pastagens permanentes				-20 a -10	
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-5 a 0	-10 a 0	a)	-20 a -15	0
Trigo duro			a)	-15 a 0	0
Triticale	0	-10 a 0	a)	-10	0
Aveia	-8 a 0	-20 a 0	a)	-25 a -20	0
Centeio	-10 a 0	-10 a 0		-20 a 0	0
Cevada	-10 a 0				
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Girassol					
Grão-de-Bico					
Milho de Regadio					
Milho de Sequeiro					
Melão					
Tomate para Indústria					

a) Ainda não é possível estimar

b) Área retificada

10. Anexo III

Variação da Produtividade/Produção* em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/2026

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras:					
Aveia					
Azevém					
Centeio					
Consociações					
Milho					
Sorgo					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole					
Trigo duro					
Triticale					
Centeio					
Cevada					
Aveia					
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz		-2 a 0*	-15 a 0*	0 a +300*	+12* (relativo a 2023)
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Milho de Regadio	-16 a +5*	-23 a +17*	-45 a +10*	-30 a +60*	0 a +30*
Milho Sequeiro	-62 a 0*	-30 a 0*	-17 a -1*	0	0 a +30*
Grão-de-Bico					
Melão					
Tomate para Indústria					
Girassol					
Culturas Permanentes					
Alfarroba					
Amêndoa				0*	
Avelã					
Azeitona de Mesa	-40 a -10*	-20 a +90*	+10*	-15*	+ 200*
Azeitona de Azeite	-35 a +948*	-20 a +90*	-6 a +10*	-10*	a)
Cereja					
Castanha					
Kiwi	-10 a 51*				
Mirtilo					
Laranja					-5*
Maçã					
Noz					
Pêssego					
Pera					
Figo					
Uva de Mesa					
Uva para Vinho					

* - Produção; a) Ainda não é possível estimar

